

MONOGRAFÍAS DE PREHISTORIA Y ARQUEOLOGÍA UNED

AÑO 2020

1

PAISAJES E HISTORIAS EN TORNO A LA PIEDRA

La ocupación y explotación del territorio de la cantería y las estrategias de distribución, consumo y reutilización de los materiales lapídeos desde la Antigüedad

LANDSCAPES AND STORIES AROUND THE STONE

Occupation and exploitation of quarrying land, and strategies of distribution, use and reuse of stone materials since the Antiquity

Virginia García-Entero
Sergio Vidal Álvarez
Anna Gutiérrez García-Moreno y
Raúl Aranda González
(editores)

MONOGRAFÍAS DE PREHISTORIA Y ARQUEOLOGÍA UNED

AÑO 2020

1

PAISAJES E HISTORIAS EN TORNO A LA PIEDRA

La ocupación y explotación del territorio de la cantería y las estrategias de distribución, consumo y reutilización de los materiales lapídeos desde la Antigüedad

LANDSCAPES AND STORIES AROUND THE STONE

Occupation and exploitation of quarrying land, and strategies of distribution, use and reuse of stone materials since the Antiquity

Virginia García-Entero
Sergio Vidal Álvarez
Anna Gutiérrez Garcia-Moreno
Raúl Aranda González
(editores)

DOI: <http://dx.doi.org/10.5944/monografias.prehistoria.arqueologia.2020>



UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN A DISTANCIA
Madrid, 2020

MONOGRAFÍAS DE PREHISTORIA Y ARQUEOLOGÍA UNED N.º 1, 2020

© Virginia García-Entero, Sergio Vidal Álvarez, Anna Gutiérrez Garcia-Moreno y Raúl Aranda González (editores científicos) 2020

© de los textos sus autores y autoras. 2020

ISBN 978-84-09-23602-2

Monografías de Prehistoria y Arqueología UNED es una colección sometida a un proceso de evaluación triple ciega.

URL MONOGRAFÍAS DE PREHISTORIA Y ARQUEOLOGÍA UNED·

<http://e-spacio.uned.es/fez/community/bibliuned:MonografiasPreyArqUNED>

DISEÑO Y COMPOSICIÓN

Carmen Chíncoa Gallardo

<http://www.laurisilva.net/cch>

Motivo de la cubierta: Detalle de cantería tradicional en el paraje de Atalaya de la Sorda (El Escorial, Madrid).

Fotografía: Virginia García-Entero

Esta edición se ha realizado con la colaboración de:

Red de investigación: «*El ciclo productivo del marmor en la península Ibérica desde la Antigüedad: extracción, elaboración, comercialización, usos, reutilización, reelaboración y amortización*» (RED2018-102356-T) - Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades.

Proyecto I+D+i «*Arqueología e Historia de un paisaje de la piedra: la explotación del marmor de Espejón (Soria) y las formas de ocupación de su territorio desde la Antigüedad al siglo XX*» (PGC2018-096854-B-I00) - MICIU/AEI/FEDER, UE.

Línea «*Canteras: estrategias, organización y técnicas de explotación*» dentro del proyecto (RYC-2017-22936) - MICIU/AEI/FEDER, UE.

Proyecto I+D+i «*El mensaje del mármol: prestigio, simbolismo y materiales locales en las provincias occidentales del imperio romano entre época antigua y altomedieval a través del caso de Hispania y Aquitania*» (PGC2018-099851-A-I00) - MICIU/AEI/FEDER, UE.

Este trabajo se inscribe en la producción científica del Grupo de Investigación «*Paisajes, arquitecturas y cultura material en la Iberia antigua*» (UNED: G193/454) y en el marco del Equipo «*Arqueometría y Producciones Artísticas – ArPA*» del Grupo 2017 SGR 00970 MIRMED-GIAC del ICAC, con financiación de AGAUR/Generalitat de Catalunya.



Esta obra está bajo una licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.

A EXPLORAÇÃO ROMANA DO MÁRMORE NO ANTICLINAL DE ESTREMOZ: EXTRACÇÃO, CONSUMO E ORGANIZAÇÃO

LA EXPLOTACIÓN ROMANA DEL MÁRMOL DEL ANTICLINAL DE ESTREMOZ: EXTRACCIÓN, CONSUMO Y ORGANIZACIÓN

THE ROMAN EXPLOITATION OF ESTREMOZ MARBLE: QUARRYING, USE AND ORGANIZATION

André Carneiro¹

Recibido: 15/06/2020 · Aceptado: 30/08/2020

DOI: <https://doi.org/10.5944/monografias.prehistoria.arqueologia.2020.05>

Resumo

O presente texto enquadra-se numa linha de investigação que desde 2006 realiza trabalhos de recolha de informação documental e bibliográfica sobre o território do anticlinal de Estremoz/Vila Viçosa, procurando definir as evidências de exploração, de modo a construir uma cartografia dos locais primários de extracção e a localizar os sítios de laboração de âmbito secundário, e a rede de povoamento no interior e na envolvente do anticlinal, o que pressupõe a detecção de todo o tipo de evidências, sejam as relacionadas directamente com o âmbito de exploração, com os padrões de ocupação do território com outras finalidades (agro-pecuária, sobretudo), identificando os sítios com outras valências (conteúdos sacros, espaços funerários, outros recursos de exploração...) ou a infra-estrutura viária que permitia a conectividade com as realidades territoriais da província e do Império.

Palavras chave

Mármore; Lusitania; padrões de povoamento; redes de distribuição.

Resumen

Este trabajo es fruto de la investigación que venimos desarrollando desde 2006 basado en la recopilación de información documental y bibliográfica sobre el territorio del

1. Departamento de História da Universidade de Évora; <ampc@uevora.pt>. CHAIA/UÉ – CECH/FLUC. Investigador integrado do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora - Ref. UID/EAT/00112/2013; Investigador colaborador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Anticlinal de Estremoz/Vila Viçosa con el objeto de definir todas las evidencias de explotación del mármol y de crear una cartografía de las áreas de extracción, los sitios de trabajo del material y de la red de poblamiento generada en el anticlinal. Así, son analizadas evidencias arqueológicas directamente relacionadas con la explotación del material lapídeo, pero también con otros patrones de ocupación del territorio –principalmente agropecuaria-, espacios funerarios, culturales y la infraestructura viaria que permitía la conectividad con las realidades territoriales de Lusitania y del Imperio.

Palabras clave

Mármol; Lusitania; patrón de poblamiento; redes de distribución.

Abstract

This paper results from an ongoing research project started in 2006, in which we try to gather all the data and bibliography about the marble extraction in Estremoz/Vila Viçosa. In a further moment, fieldwork intends to identify primordial activity areas, and also sites where labouring activities could occur. We began to develop mapping analysis of the labouring remains, but also of the evidences and sites related to the marble economic activities, which are presented in this in paper in a broad perspective.

Keywords

Marble; Lusitania; settlement patterns; commercial networks.

.....

INTRODUÇÃO

Os trabalhos de terreno não têm sido dotados de um propósito de sistematicidade, pelo que não é possível construir um quadro de referência modelar como o proposto por Anna Gutiérrez Garcia-Moreno (2009) para a Catalunha, que se instituiu como o arquétipo por excelência para este tipo de investigação. No caso agora apresentado, o anticlinal foi estudado, em fase inicial, como um recurso económico de primeira grandeza que interessava analisar como forma de entendimento e chave explicativa da rede de povoamento na envolvente (Carneiro 2014), pelo que a análise foi feita *de fora para dentro*, procurando sobretudo definir os padrões de povoamento e as relações estratégicas na estruturação da paisagem antiga. A partir de 2016, com o convite feito para ingressar numa rede de estudos mais ampla – a segunda fase do projecto PHIM – *Património e História da Indústria dos Mármore* – coordenado pelo CECHAP (Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios sedado em Vila Viçosa),² a estratégia de investigação passou sobretudo pela análise *in situ* do anticlinal, procurando mapear evidências da exploração antiga. Note-se, contudo, que em nenhum caso se fizeram prospecções intensivas no terreno, apenas uma abordagem direccionada em função dos registos documentais e orais que poderiam conduzir à identificação de evidências de laboração em época romana. Nesta linha de trabalho os diversos resultados obtidos têm sido publicados, seja para públicos especializados, âmbitos genéricos ou documentos técnicos, pelo que os conteúdos, embora sendo sempre apresentados sob novas perspectivas, podem renovar âmbitos tratados de modo menos sistemático.

EXTRACÇÃO, DIFUSÃO E DISTRIBUIÇÃO DO MÁRMORE DO ANTICLINAL: PROBLEMÁTICAS DA INVESTIGAÇÃO

Por diversos motivos, as produções marmóreas de Estremoz/Vila Viçosa não têm sido analisadas com a atenção devida. As duas últimas décadas trouxeram um novo olhar, com um sustentado acréscimo no número de referências, verificando-se que a análise tem sido feita a partir dos pontos de recepção (cidades romanas ou residências rurais), no âmbito dos chamados *estudos distributivos*, estando por fazer uma caracterização rigorosa dos pontos de produção e das variedades no anticlinal. Ora, estudar algo a partir do exterior traz um conjunto de problemas próprios: se os investigadores estão familiarizados com os diversos tipos marmóreos, estes são identificados como tal; mas se, pelo contrário, nunca com eles contactaram, os mármore são considerados como de outras proveniências (a atribuição errada a Luni-Carrara é um *clássico*, dadas as semelhanças globais). Apesar da visita ao anticlinal de vários investigadores, que colhem amostras e as levam para os

2. <http://phim.cechap.com>. Indispensável agradecer a Carlos Filipe, coordenador do projecto, bem como a Nuno Mourinha e Noel Moreira, que integraram a equipa de trabalho em Arqueologia e Geologia, bem como a todos os outros membros do projecto; e também a Raúl Aranda González, com quem vários destes temas foram discutidos e me possibilitou o acesso a bibliografia fundamental

laboratórios de referência de modo a permitir futuras identificações, muitos colegas não conhecem *in loco* a variedade de tipos e formas pétreas. Embora nos últimos anos a generalização de análises arqueométricas tenha começado a colmatar estas lacunas, estes estudos são ainda escassos e, sobretudo, não permitem documentar produções mal recensadas.

Todavia, o problema de fundo não pode ser iludido: nunca se verificou uma investigação séria, sustentada e empenhada que tenha permitido uma correcta caracterização e mapeamento das evidências relacionadas com a extracção do mármore em época romana no anticlinal de Estremoz. Quase tudo está por fazer: definir as pedreiras de onde foi extraído o mármore; as zonas de laboração; os locais de habitação e os espaços funerários das diversas comunidades; e caracterizar toda a infra-estruturação de apoio à laboração e escoamento do produto. Esta ausência de investigação provocou duas consequências profundamente danosas:

- * a ausência de acompanhamento arqueológico e salvamento de evidências aquando do início da intensa exploração das pedreiras a partir da década de 80 do século XX, com excepção do caso de Vigária (Vila Viçosa),³
- * a correcta definição da variedade formal e tipológica do mármore de Estremoz/Vila Viçosa, que só recentemente foi analisado em termos petrográficos, permitindo assim perceber-se toda a enorme diversidade dos espécimes (Lopes 2003; Álvarez *et alli* 2009).

Esta *invisibilidade* do mármore estremocense tem outras consequências. Em várias obras de análise das produções económicas na *Lusitania* romana o mármore não surge mencionado, ficando *na sombra* de produtos que indiscutivelmente tiveram relevância, como a mineração do ouro, as produções de preparados piscícolas, ou de vinho e azeite, mas que não devem obscurecer o real peso económico do comércio de pedras ornamentais na sua época. É necessário também enquadrar uma das possíveis causas desta ausência de foco, que deriva do completo silêncio que as fontes manifestam, na medida em que apenas Plínio-o-Velho⁴ menciona cristal (de rocha ?) de grandes dimensões e gemas de *chrysoliton* (crisólito) na «Serra de Ammaia». A referencia pliniana é indirecta, possivelmente construída partir do texto perdido escrito pelo lusitano *Lucius Cornelius Bocchus*.

Como foi referido, a perspectiva tem sido progressivamente alterada a partir de uma análise mais atenta e profunda. Por um lado, o conhecimento *in loco* que diversos investigadores têm manifestado pelo anticlinal de Estremoz, de que é exemplo o trabalho de Arianna Fusco e Irene Mañas Romero (2006). Nos últimos anos, contudo, o maior contributo provém da intensificação dos estudos arqueométricos aplicados

3. Veja-se a fotografia que documenta a *vista geral da exploração em 1976* em Real 1997: 82. É deste local que provêm os testemunhos de exploração romana exibidos junto à entrada do Museu de Arqueologia da Fundação Casa de Bragança em Vila Viçosa, além dos indicadores referidos por Jorge de Alarcão em *Roman Portugal*. Londres: Warminster & Phillips 6/244: «fragmento de *terra sigillata* galo-romana com marca GEMINV e um fragmento de cerâmica de paredes finas pré-flaviano.», depois tratados em Alarcão e Tavares 1989.

4. *N.H.* XXXVII, 24.

à análise de proveniências. O mapeamento tem avançado em bom ritmo, permitindo determinar elementos previstos (o caso dos elementos marmóreos no templo de Évora: Lopes *et alli* 2000) mas, sobretudo, trazendo à luz rotas e circuitos até agora insuspeitos que em muito aumentam a cartografia de circulação.⁵ Se ainda existem *zonas de sombra*, devido às semelhanças que os mármoreos do anticlinal apresentam com os congêneres da zona de Almadén de la Plata (Sevilla) (Taylor 2017) (quer do ponto de vista físico, quer na constituição química), é certo que os resultados têm aberto novas perspectivas.

O dado mais relevante será a descoberta de novos circuitos de distribuição, mais amplos do que o inicialmente pensado. A identificação de um busto atribuído a Tibério em *Caesaraugusta*, a actual Zaragoza (Nogales *et alii* 2017), trouxe um novo entendimento da ampla escala de aprovisionamento do mármore de Estremoz aos circuitos das cidades interiores.

Mas ainda mais surpreendente será a identificação de elementos no Norte de África, até pelo facto de se tratar de uma região com amplos recursos pétreos. A análise arqueométrica atribui a origem de Vila Viçosa a um pedestal e um revestimento parietal em mármore rosa (Antonelli *et alli* 2015), havendo a possibilidade de que, com o progredir da investigação e o melhor reconhecimento das produções do anticlinal, novos elementos possam surgir.

Quanto aos encomendantes privados, os projectos de investigação em curso no centro/norte da *Hispania* têm trazido novidades surpreendentes. A ampla difusão do mármore de Estremoz como integrante de fastosos programas decorativos em sítios de âmbito privado - as *villae* - foi demonstrado de modo inequívoco em Carranque (Toledo) (García-Entero e Vidal 2012; García-Entero *et alii* 2020 e.p.) e, mais recentemente, na *villa* de Noheda (Cuenca) (Valero Tévar *et alii* 2015). No sítio conquense a situação é ainda mais relevante, visto que os elementos são provenientes da monumental sala triabsidada e do edifício termal em simultâneo, o que mostra a escala de aprovisionamento de que o sítio beneficiou. Note-se ainda que na *villa* de Las Pizarras (Coca, Segovia), identificada com a *Cauca* de Teodósio, o mármore de Estremoz encontra-se em *crustae* que no século IV guarnecem revestimentos parietais da *villa* (Pérez *et alli* 2012).

Ou seja, em *villae* de referência, nos maiores programas edilícios privados do século III/IV, o mármore do anticlinal estremocense encontra-se representado em quantidades apreciáveis, como elemento de excepção e prestígio.

O grande campo de novidades provém, contudo, da sistemática reavaliação de sarcófagos e escultura funerária. Os trabalhos desenvolvidos por Sergio Vidal Álvarez e Virginia García-Entero têm provocado um notável fluxo de novos dados, que permite perceber a função central que o anticlinal de Estremoz desempenhou no abastecimento das encomendas de sarcófagos em mármore. As análises começaram com o emblemático túmulo do Mausoléu de Pueblanueva (Toledo), identificado

5. É o caso dos inovadores e incontornáveis estudos analíticos promovidos por Sergio Vidal Álvarez sobre os sarcófagos tardo-antigos do centro/norte da *Hispania* guardados no Museo Arqueológico Nacional. Veja-se, em particular, Vidal 2016 e para outras metodologias de análise, Vidal e García-Entero 2012.

no século XIX, com a representação de Cristo entronizado flanqueado pelos seus apóstolos. A figuração é de tão excepcional qualidade que levou à sua filiação com oficinas orientais ou ravenaicas, até as análises laboratoriais terem confirmado que se trata de um bloco extraído no anticlinal estremocense (Vidal e García-Entero 2015: 414-415; Vidal 2018: 152-153). Da mesma forma, também o notável sarcófago representando o ciclo de Jonas, proveniente de Carranque, foi atribuído a Estremoz (Vidal e García-Entero 2015: 415-416).

A cartografia está a aumentar de forma constante, à medida que se realizam novos estudos de proveniência. É o caso da situação recentemente comprovada para o sarcófago de Tui (Pontevedra) (González Soutelo *et alli* 2018), com o mármore de veios rosa a ser confirmado como proveniente do anticlinal de Estremoz. E o emblemático sarcófago de *Ithacius* da catedral de Oviedo amplia a distribuição até à fachada norte da *Hispania*, sendo que neste caso a datação proposta atinge o século V (Vidal e García-Entero 2015: 416-417), tornando este fluxo de novos dados ainda mais surpreendente e pleno de conteúdos.

O que significam estas evidências? Em primeiro lugar, confirmam o lugar excepcional que as produções do anticlinal detêm, visto que a qualidade do mármore é apreciada de forma constante desde o século I até à época tardia, quer em programas de ornamentação públicos, quer privados. Em segundo lugar, mas de modo igualmente relevante, confirma-se que a distribuição do mármore de Estremoz atinge mercados distantes na península, mas em especial (e de forma constante ao longo do tempo) dominando toda a fachada atlântica, o centro e o norte da *Hispania*, onde é avaliada como a rocha ornamental por excelência, sobrepujando as produções locais. E finalmente (e como será retomado adiante), a extracção de mármore de Estremoz confirma-se como uma actividade relevante ao longo da diacronia, ao contrário da tese tradicional que propunha que, a partir do século II/III, entrava em declínio e era ultrapassada por outros mármore mais competitivos provenientes do Oriente. Verifica-se assim que, seja para a produção de estatuária, seja para a utilização de blocos, enquanto revestimento parietal ou de pavimentos ou, em fase tardia, como suporte de sarcófagos ricamente decorados, o mármore de Estremoz foi a pedra ornamental por excelência.

Em termos globais, a investigação sobre os mármore do anticlinal tem ainda muitos pontos em aberto, relacionados sobretudo com a percepção do modo como se organizava a escala da produção e o que esta implicava em todas as suas dimensões. Este âmbito de análise implica que se tomem em consideração, de forma simultânea, as evidências de terreno (não apenas as directas, como a extracção nas pedreiras, mas também a compreensão da rede de povoamento em volta) e também a análise dos volumes e modos de recepção nos locais de uso. Ou seja, refiro-me em concreto à possibilidade de percepção da influência sócio-económica da extracção do mármore como *factor de aceleração* e intensificação do sistema de povoamento na região. Por exemplo, em 1990 Jorge de Alarcão lançava a pista para uma investigação que não foi iniciada: «Na área de Estremoz, Vila Viçosa e Alandroal, a exploração de mármore poderá ter constituído, se não a base essencial da economia de certas *villae*, pelo menos uma fonte importante de rendimento de alguns particulares». A outra escala, é também necessário atentar na capacidade de

Augusta Emerita se assumir como a entidade gestora e coordenadora da exploração e/ou como ponto de articulação dos produtos na fase de escoamento; e, em última instância, na compreensão do verdadeiro *peso específico* do mármore como elemento de afirmação da *Lusitania* enquanto centro distribuidor para o restante Império. Ou seja, a percepção das diversas escalas de produção que o mármore conseguiu enquanto elemento emblemático de um território é uma questão que permanece, na sua essência, em aberto, apesar dos vários contributos (Nogales 1999; Nogales *et alii* 2008; Mañas Romero 2012).

Note-se também a importante pista de investigação que já José d'Encarnação havia sugerido (1984: 821) e que recentemente Javier Andreu Pintado (2012) relembrou: a aplicação de leituras petrográficas pormenorizadas aos materiais epigráficos. Em geral, a descrição dos suportes epigráficos não especifica análises de proveniência, ou parte de pressupostos errados (como considerar que *todo o mármore branco é proveniente de Estremoz*), o que cria vários pontos difusos no momento de analisar as pautas de distribuição dos produtos. Um catálogo exaustivo com análise petrográfica dos diversos suportes epigráficos é urgente, de modo a construir análises sobre a actividade das *officinae lapidariae*, suas áreas de influência cultural e distribuição de mercados.

ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

A INFRA-ESTRUTURA TERRITORIAL: LOGÍSTICA E PLANEAMENTO

A exploração dos recursos pétreos colocava um conjunto de problemas logísticos, que eram encarados de forma ampla à escala territorial. Se a extracção em si não era problemática, não exigindo o mesmo tipo de condicionantes que a exploração de minérios em galerias fechadas e profundas, era necessário prever todo o tipo de tarefas:

a) *da pedreira à oficina de talhe*: na sua essência, a extracção de mármore conservou os modos de organização do trabalho desde a época romana até à introdução da maquinaria industrial na década de 60 do século XX. Consultando os poucos registos existentes, vemos como a exploração se mantinha arcaica e baseada no esforço braçal humano. Uma descrição de 1929 indica-nos: «Não há uma máquina a vapor, o trabalho é todo feito a braço, na extracção as pedras são empurradas pelas rampas de corte.» (Portas 1980).

O corte dos blocos era também executado com materiais básicos, destacando-se quatro:

- * a *picareta*, para o desbaste dos topos dos diáclases;
- * a *pá*, para remoção dos entulhos e resíduos;

- * a *alavanca*, de dois tamanhos (pequena e grande, esta com cerca de dois metros), cravadas nas cunhas abertas nos blocos, utilizada para procurar separar os bloco do afloramento;
- * o *marrão*, martelo pesado que era utilizado para percutir na alavanca, de modo a conseguir a fracturação do bloco.

Todos os processos eram feitos manualmente, à custa do trabalho braçal de cada operário. Consultando os registos, surpreende ver como o número de trabalhadores era baixo – cinco, seis por cada frente de exploração – o que exigia um esforço acrescido a cada um. Note-se ainda que todos os desperdícios e entulhos eram removidos manualmente: atirados para cestos pequenos de vime, eram carregados pelos chamados *cabanejos*, que carregavam os cestos às costas ou à cabeça até atingirem o topo da escombreira, onde os despejavam.

Todo este quadro descrito em 1929 é familiar com o que poderíamos encontrar em qualquer laboração de época romana: o investimento era mais pronunciado no esforço manual do que em algum tipo de estratégia concertada.

Regista-se também um menor conhecimento tecnológico e investimento em maquinaria do que a engenharia clássica proporcionaria. Neste campo, é escusado relembrar o modo como no *Tratado de Arquitectura* de Marco Vitruvio Pollion se descrevem maquinarias mais sofisticadas do que as registadas no anticlinal de Estremoz até meados do século XX. As anotações de Ausonio⁶ permitem registar um uso disseminado de maquinaria aplicada, inclusivamente para regiões onde o investimento na laboração seria menos previsível, como a sua província natal.

Da pedra, os blocos de mármore eram conduzidos para um local onde se procedesse aos primeiros trabalhos. Como tal, é necessário prever a existência de uma rede de caminhos internos nas pedreiras, conectando-as às oficinas de laboração; bem como espaços onde operários especializados possam trabalhar, providos de todo o instrumental e materiais necessários;

b) *da oficina ao destino - escoamento*: o esforço na construção de uma infraestrutura viária é evidente no traçado da chamada via XII do *Itinerário de Antonino*, que ligava a capital provincial, *Augusta Emerita*, ao seu porto de mar atlântico, *Olisipo*, através de *Ebora*, e que constitui uma via sem qualquer pré-existência anterior (Carneiro 2008: 49-58). A passagem deste itinerário no anticlinal foi comprovada pela identificação do topónimo *Horta do Agacha* na zona que confina imediatamente a sul da igreja de Senhora dos Mártires (Estremoz), de onde provém um marco miliário pertencente ao itinerário (Carneiro 2014, I: 173) (fig. 1).

c) *aprovisionamento*: uma complexa rede de abastecimento teve de ser criada, de modo a que o trabalho das pedreiras fosse sempre alimentado pelas matérias-primas essenciais. Cordas e elementos para roldanas; madeira para cunhas; metais necessários para todas as ferramentas, serras, pregos e cavilhas; e claro, os elementos

6. AUSONIUS *Moselle* [trad. Evelyn White 1919]: 253, v. 361-364.

essenciais à subsistência das comunidades envolvidas, nomeadamente os de âmbito agro-pecuário. Todos estes recursos poderiam encontrar-se na envolvente do anticlinal, a diferentes distâncias e escalas.

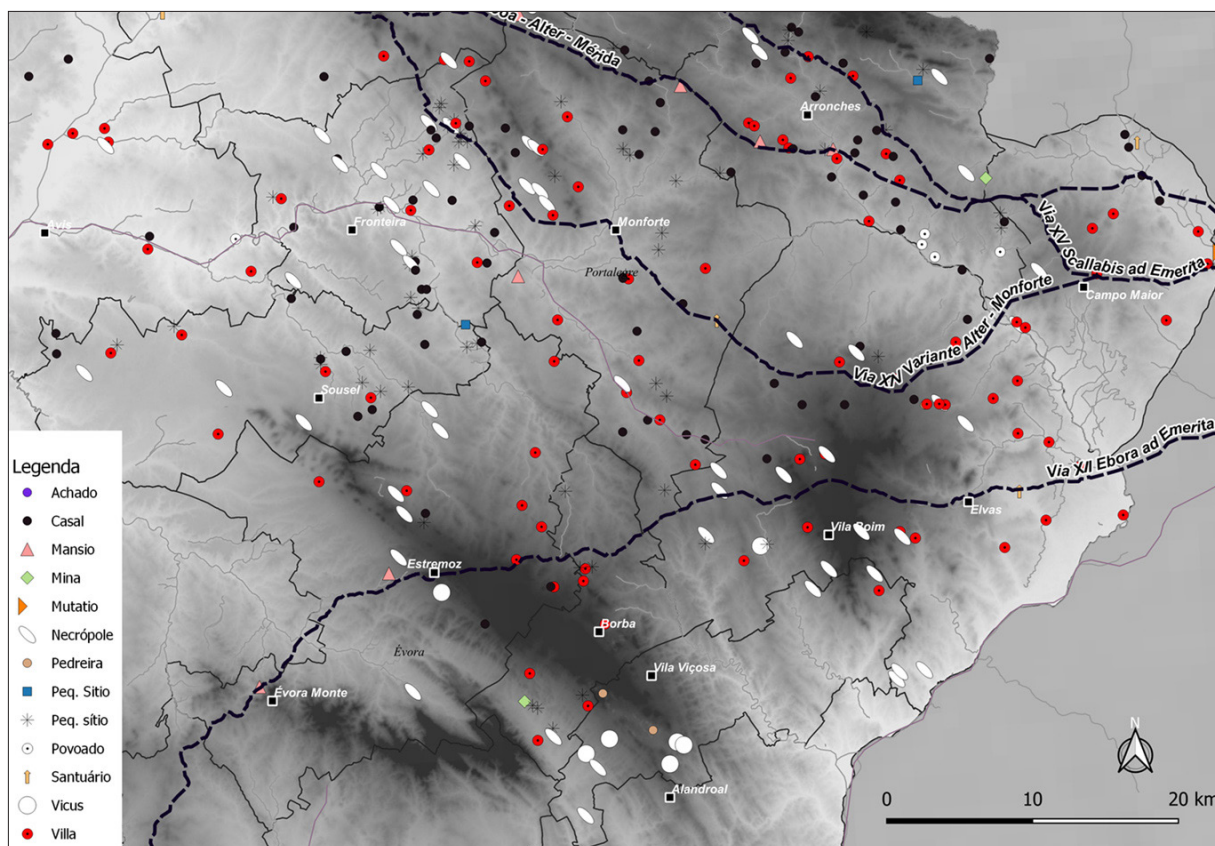


FIGURA 1: REDE VIÁRIA NO ALTO ALENTEJO, A PARTIR DE CARNEIRO 2014. Elaboração por Jesus García Sanchez

d) *apoio à laboração*: O trabalho do mármore implica um complexo conjunto de condições. Por exemplo, a abundância de água: terão existido canais de condução de água e estruturas de contenção e armazenamento, como exemplifica a estrutura conhecida como «Tanque dos Mouros» junto à cidade de Estremoz (Quintela *et alli* 1986: 135-138 e fot. 102 a 107). Da mesma forma, é necessário supor pontos de apoio para trabalhos específicos: por exemplo, como as ferramentas de metal se desgastam rapidamente, encontrar-se-iam zonas de forjas para apoio à laboração, ainda detectáveis pela acumulação de escórias que por vezes se encontram em alguns pontos, como em Nogueiras (Carneiro 2014, II: 04/13).

e) *espaços de vida e de morte*: estão por identificar os pontos de povoamento para os trabalhadores indiferenciados, escultores especializados e gestores da exploração. Sobre templos e santuários existem indicadores dispersos, e é provável que em algum lugar convergissem as pessoas para desfrutar de um edifício termal ou de mercados e espaços comuns. Também os lugares de tumulação são referidos em notícias antigas mas estão por identificar no terreno.

SUPERVISÃO E ENQUADRAMENTO

Várias pedreiras do mundo romano foram exploradas directamente pelo Imperador, através do denominado *direito de conquista*, pelo qual os recursos mais relevantes dos territórios anexados ao Império eram englobados na supervisão superior (Hirt 2010). O intensificar da exploração de recursos à escala imperial levou a que, com o passar do tempo, alguns deles passassem para a casa imperial ao abrigo do direito de *ratio privata*. Neste caso, era nomeado um *procurator metallorum* ou *marmororum*, como sucedeu em vários casos bem conhecidos do Império, em especial no Oriente (pedreiras do actual território grego e turco, bem como no Egipto) (Fant 1988). Em outros casos, a exploração era concessionada a membros da família ou a integrantes do círculo pessoal, voltando à posse da casa imperial com a extinção do privilégio ao beneficiário. As situações de menor relevância estratégica, as explorações eram alugadas a particulares e supervisionadas por um *conductor* que recolhia as taxas mas não intervinha na exploração, limitando-se a assegurar a gestão dos trabalhos e da rede de infra-estruturas necessárias.

No anticlinal de Estremoz/Vila Viçosa, a possibilidade de existir uma ligação à casa imperial sustenta-se através de um indicador indirecto encontrado fora da área de exploração, embora em sítio arqueológico próximo. Entre o extenso conjunto de dedicações votivas à divindade lusitana *Endovelico* encontradas no seu provável santuário, a elevação de S. Miguel da Mota (concelho de Alandroal), destaca-se uma inscrição actualmente perdida, cujo formulário é o seguinte:

DEO • ENDOVELLICO
 HERMES • AVRELIAE
 VIBIAE • SAB[I]NAE • SER(vus)
 MARMORARIVS
 A(nimo) (hedera) L(ibens) (hedera) P(osuit)

Infelizmente, não conhecemos a peça, que chegou até nós graças à recolha do texto em *CIL* II 133.⁷ Como é evidente, o conteúdo tem alimentado um amplo conjunto de debates, sendo aquele que agora mais nos directamente interessa o centrado sobre a pessoa identificada pelo *servus marmorarius*, e que nos poderia permitir compreender o modo como a exploração era organizada (Canto 1977-1978; Mayer 2008).

A menção a *Aurelia Vibia Sabina* apresenta a extraordinária circunstância de se poder colocar em relação com a filha do Imperador Marco Aurélio, *Vibia Aurelia Sabina*, que viveu entre 166/170 e, possivelmente, 217 d.C. (Mayer 2008: 410-411; Birley 2000). O debate gerado pela eventualidade deste nexo de ligação tem sido aceso e contraditório. José d'Encarnação apontou para uma coincidência derivada de um modismo,⁸ sem negar a elevada condição social da nomeada, que se insere

7. *CIL* II 133, p. XXXVIII (= *ILS* 4513b e *ILER* 826). Comentários em IRCP n.º 497, p. 577-578.

8. IRCP, p. 578: «não consideramos plausível tomar Hermes por escravo de alguém ligado aqui à corte imperial»;

na grande prevalência regional de família(s) com a denominação *Vibia* (Canto 1997: 184, 186, 196). A coincidência onomástica foi também realçada por outros autores (Fabião *et alli* 2008).

Contra, veja-se sobretudo a argumentação produzida por Marc Mayer i Olivé (2008: 411 ss), centrada na relevância estratégica das pedreiras do anticlinal de Estremoz, um recurso de primeira ordem que a tornariam merecedoras de integrar o património *publico iure* da casa imperial (Mayer 2009). Teríamos assim um *pagus marmorarius*, o que também implica uma infra-estruturação da paisagem e dos recursos existentes, como o investimento visível na chamada via XII parece tornar claro.

A relevância dos recursos de pedras ornamentais integrados no património da casa imperial apresenta um provável paralelo, dada a ocorrência do topónimo *Statio Serrariorum Augustorum*, próximo de Itálica (Sevilla) registado em *tabulae marmoreae*.⁹ Esta menção parece referir-se, em simultâneo, a uma área de laboração de cantaria e a um domínio de posse imperial, talvez relacionado com o programa de construção que decorreu sob o governo de Adriano¹⁰ na cidade de *Italica* e na região bética, da qual o Imperador era natural.

No caso da inscrição de *Hermes*, a auto-designação como *servus* é coerente com a putativa condição de servidor da casa Imperial, trabalhando numa oficina como *marmorarius*, ou seja, um escultor qualificado que poderia funcionar como supervisor ou *conductor* da laboração. Para percebermos a escala e relevância do trabalho escultórico de um *marmorarius*, importa tomar em consideração outro dado existente. Note-se que em *Augusta Emerita* encontram-se várias siglas de *G. Aulus: ex officina Gai Auli, ex officina G Auli fi o li, ex officina Gai Au, ex officina Gai A, ex officina Ga (vacat) i Auli, ex officina Gai A+++*, além de um *ex officin[* (Ramírez Sádaba 2003: n.º 78-83, 141-148), e ainda uma *ex officina Franciae* (n.º 85, 148-149), evidenciando bem o labor das oficinas escultóricas na capital provincial.

Note-se que, por manifesta infelicidade, da inscrição de *Hermes* apenas sobreviveu o texto, o que nos impossibilita por completo de perceber qual o suporte e os pormenores técnicos da peça, o que seria do máximo interesse para avaliar o labor técnico da mesma e permitir comparações tipológicas com elementos eventualmente semelhantes. De qualquer forma, a diversidade escultórica dos elementos encontrados em S. Miguel da Mota indica-nos que seguramente existia uma oficina especializada que abastecia o santuário, dadas as semelhanças existentes entre os materiais encontrados. Resta saber se a oficina estaria situada nas proximidades ou a partir de algum ponto mais distante, no anticlinal.

quando muito, a onomástica foi assumida atendendo a uma moda, por influência da corte». Em Encarnação 2008: 64, retoma-se a argumentação: «*Hermes* est un *marmorarius*, *servus* d'*Aurelia Vibia Sabina*, une dame qui, ayant deux gentilices bien nobles (si on peut le dire...), appartenait, bien certainement, à une haute couche de la société locale ...».

9. CIL II 1131: *M(arcus) Caelius Alexander ta/bulam marmoream d(onum) d(edit) / stationi serrariorum / Augustorum*
CIL II 1132: - - - - - / [- - -]EV[- - - / - - - *tabula(m)*] *m[armoream - - -] / Lucret[io - - -]L Iulio Paulo [- - -] // [- - - / - - -]ICIO C[- - - / - - - ser]rar(iorum) O[- - -] / - - - - -.*

10. *Contra*, face ao limitado âmbito de dispersão dos mármore de Almáden de la Plata, pouco presentes fora da *Hispania* e que por isso não teriam tanta relevância económica (ao contrário do que sucede com as produções do anticlinal de Estremoz) pronuncia-se Russell 2013: 42, nota 26, que admite a hipótese de serem trabalhadores temporários da administração imperial, por estarem envolvidos num excepcional programa de construção.

Outro elemento a considerar reside na elevada quantidade de figurações militares nas estátuas encontradas. Este facto reforça a presença de um contingente militar estacionado na região, supervisionando a laboração das pedreiras do anticlinal de Estremoz e o normal funcionamento da recolha de taxas e licenças.

À medida que a investigação vai descrevendo de forma mais apurada os diversos suportes pétreos utilizados como material escultórico (inclusivamente em âmbito funerário) (Nogales *et alli* 1999: 339-345), epigráfico (Andreu Pintado 2012: 302) ou construtivo, fica cada vez mais evidente o papel central que o anticlinal de Estremoz desempenhou no abastecimento à capital provincial, *Augusta Emerita*. É natural supor que a *urbs* exerceu uma função estratégica na dinamização e eventual gestão das actividades extractivas, implicando também a acção de alguns protagonistas.

Refiro-me à presença de *L. Fulcinius Trio*, legado do Imperador Tibério e governador provincial, que nesta função terá estado alguns anos em *Augusta Emerita*, possivelmente com envolvimento directo em projectos de grandes espaços e edificações públicas em construção na capital provincial (Saquete Chamizo 2005: 164 ss). Inclusivamente, a sua acção terá sido em algum momento coordenada de modo conjunto com o lusitano *L. Cornelius Bocchus* (González Heredero 2011), de grande influência na província (cinco vezes *praefectus fabrum* do governador e *flamen* provincial), como ficou patente (apesar do estado fragmentado, que suscita dúvidas na leitura) na inscrição do designado *Forum* da colónia de *Augusta Emerita* (Stylow e Ventura 2010).

O elemento relevante para a compreensão do interesse que o poder imperial manifestou sobre o anticlinal de Estremoz reside na descoberta de um tratado de *fides* entre o legado imperial *L. Fulcinius Trio* e os representantes locais da *gens Stertina*, celebrado a 21 de Janeiro de 31 d.C. Este tratado foi identificado em Juromenha (IRCP nº 479), e colocava os representantes locais sob o estatuto de *in fidem clientelamque suam*, ou seja, uma protecção de âmbito jurídico. Importa, portanto, considerar o interesse geo-estratégico do ponto correspondente a Juromenha, que conduziu à celebração de um pacto entre, por um lado, o representante da casa imperial que geria o processo de edificação pública na capital provincial e, como interlocutor, os representantes da elite local. É provável que a relevância do local se centrasse na sua condição alcandorada sobre o rio Guadiana; e, não sendo este navegável na sua totalidade, apresentaria condições para o envio de cargas marmóreas tendo como destino os programas edilícios em curso na capital provincial. Esta leitura, altamente hipotética e construída em sucessivas deduções, procura explicar o singular interesse de um alto representante romano na celebração de um pacto com uma comunidade local de um território que, na óptica imperial, seria de elevado interesse estratégico, pois de outra forma não será fácil contextualizar a origem do processo de negociação.

OS TEMPOS DA EXPLORAÇÃO: PARA UMA LEITURA DIACRÓNICA DA EXTRACÇÃO DE MÁRMORE NO ANTICLINAL

A exploração do mármore inicia-se com a presença romana na região. Não se conhecem elementos escultóricos ou arquitectónicos em mármore na cultura material indígena do sudoeste peninsular, sendo de notar a inexistência de linguagens

escultóricas próprias, porque a imagética teria certamente outras fórmulas de expressão. Para o actual território português, apenas para a área Norte existem alguns elementos escultóricos, como as figurações de berrões e de guerreiros monumentais no âmbito da cultura castreja, em ambos os casos utilizando a rugosidade do granito autóctone. Mesmo nas áreas de contacto com o mundo clássico – em especial no sudeste levantino, onde as colónias gregas estavam instaladas – os elementos são raros e de provável origem extra-peninsular. Desta forma, todos os modos de aproveitamento dos recursos geológicos endógenos surgem sob a gestão romana, no quadro da integração do território peninsular na administração do Império. E da pré-existência, o poder romano pouco aproveita: não havia uma monumentalização arquitectónica; uma plástica urbana; um programa de extracção e rentabilização económica dos recursos; nem um «saber-fazer» sofisticado que Roma pudesse incorporar. Em resumo, é apenas com Roma que se inicia uma verdadeira exploração das pedreiras e dos recursos geológicos, e também será com Roma que se inicia a utilização das pedras ornamentais como o mármore.

Não é determinável o início da exploração dos recursos minerais. Não existem dados directos sobre o início de laboração das pedreiras, apenas indicações a partir das quais se podem inferir hipóteses. Por exemplo, uma epígrafe proveniente de Alcácer do Sal (IRCP nº 184) menciona-nos um *Vicanius*, filho de *Boutius* (dois nomes de ascendência celta), que dedica um voto a Augusto por ocasião do seu 12º consulado (5 ou 4 a.C.). A peça é de granito da região, indicando uma precoce exploração das pedreiras, seguramente no quadro dos programas edilícios então em curso nas cidades.

Quanto ao mármore, as primeiras evidências de extracção pertencem ao imperialato de Augusto, mas será com Tibério que se inicia verdadeiramente o investimento no anticlinal como recurso geo-estratégico que alimenta os programas construtivos em curso. Já foi mencionada a importância de *L. Fulcinus Trio* neste processo, quer na negociação com as comunidades de Juromenha, quer na supervisão do movimento em curso na capital provincial, *Augusta Emerita*, que alimentava os principais monumentos com o mármore do anticlinal.

Segue-se uma intensificação durante a dinastia flaviana, na qual se remodelam programas iconográficos e escultóricos em urbes lusitanas, como *Conímbriga* e *Ebora Liberalitas Iulia*. Quer no âmbito de espaços públicos, quer em monumentos privados, sobretudo de cariz funerário, nota-se a escolha do mármore como elemento privilegiado de elevada carga simbólica, por vezes conjugado com a robustez do granito como matéria-prima contrastante. Na capital *Augusta Emerita* também assistimos a este novo momento de renovação dos programas públicos, eventualmente devido a causas específicas (Heras Mora e Peña Jurado 2011: 1051).

Neste campo, veja-se o predomínio quase absoluto que o mármore do anticlinal detém nos diversos elementos encontrados no santuário de *Endovelico*, o que exemplifica bem a escolha da matéria-prima como epítome de prestígio.

Também durante o século II encontramos a presença do mármore estremocense em vários âmbitos, embora sobretudo na esfera privada.

A situação intensifica-se durante o século seguinte, na medida em que se verifica a maciça utilização do mármore no processo de monumentalização das grandes

villae que nesta época se irão construir em toda a *Hispania*. O mármore é eleito como a matéria-prima por excelência na decoração dos ambientes construídos, em especial nas salas de recepção e nos edifícios termas. O uso é feito em larga escala como *ornatus* que transmite o brilho e o prestígio. Este processo está inclusivamente descrito em vários autores da época, que destacam a sua utilização na decoração de interiores: em Símaco encontramos os melhores exemplos, quer na referência aos revestimentos em mármore, feitos com tanta mestria que se julgariam de uma única peça, quer nos elementos arquitectónicos, como as colunas, tão perfeitas que poderiam ser de mármore da Bitínia¹¹.

Encontramos o mármore do anticlinal em inúmeras *villae*, seja na própria área de exploração – o caso de Santa Vitória do Ameixial – seja em âmbitos mais distantes na *Hispania*, como nas excepcionais *villae* de Carranque e Noheda. O âmbito da distribuição ganha ainda mais amplitude, com abastecimentos aos programas construtivos públicos em cidades do Norte de África, como *Volubilis*.

Tradicionalmente pensava-se que a partir do século IV se iniciava um processo de decadência inexorável na actividade das pedreiras. A progressiva atrofia da vida urbana, com o final dos processos de construção na edilícia pública e a cada vez maior concorrência dos mármore orientais, colocados no mercado a preços competitivos, conduzia a este pressuposto. Mas a investigação arqueométrica recente tem permitido confirmar que o mármore de Estremoz é a matéria-prima de eleição para a escultura funerária utilizada na *Hispania*, como a identificação de alguns sarcófagos por finalizar, encontrados no próprio anticlinal de Estremoz, já deixara perceber. Desta forma, vemos como durante o século IV e inícios do V o mármore continuou a ser extraído, procedendo-se a uma fina elaboração escultórica criando figurações que obedecem a preceitos de carácter espiritual e simbólico, reflectindo as influências filosóficas e religiosas destes tempos.

No século V inicia-se a viragem para um outro âmbito do domínio espiritual e religioso. Os escritos de âmbito cristão expressam a condenação ao luxo e opulência que os ambientes áulicos materializavam, e o mármore está na primeira linha da crítica: renuncie-se aos *marmoribus tegi*, proclama Paciano de Barcelona,¹² e habite-se em ambientes austeros.

No entanto, verificamos que a utilização do mármore continua a ser exigida como elemento de excepcionalidade. É certo que os ambientes mudam: já não é o âmbito doméstico que agora o reclama, mas as construções religiosas cristãs. Nas igrejas e baptistérios que modificam a paisagem da *Lusitania* o mármore continua a manter todas as qualidades simbólicas: identificado com a pureza, o brilho que dele emana, ou a luz por ele reflectida, adequam-se na perfeição com os ensinamentos e valores da prédica cristã. No Oriente, os templos religiosos construídos por acção de Constantino são admirados por viajantes como Egeria:

«As decorações são realmente tão maravilhosas que não podem ser descritas por palavras. [...] Não é imaginável o número e quantidade de candeeiros, tapeçarias e

11. Para ambas as referências, *Ep.* 1, 12.

12. *Sermus de Paenitentibus*, X, 3.

lucernas que são usados na homilia. Estão para lá de qualquer descrição, assim como o magnífico edifício [...] decorado com ouro, mosaico e mármore tão precioso quando o Império pode providenciar».¹³

Esta vocação cosmocrática do mármore enquanto elemento simbólico do poder imperial sobre o universo conhecido mantém-se em época tardia, quer nos grandes projectos imperiais, quer nos múltiplos templos cristãos que se erguem em todas as províncias. Vemos assim como na *Lusitania* os locais da nova fé continuam a ser guarnecidos de mármore do anticlinal, não apenas pelo fenómeno de *spolia* e reutilização de peças antigas (Cruz Villalón 2015), mas pela utilização de peças novas. Neste aspecto, o excepcional achado de um pé de altar semi-trabalhado que na década de 80 foi fotografado *in situ* na pedreira de Horta Nova (Borba)¹⁴ (fig. 2) mostra como as oficinas de laboração estavam em pleno funcionamento, o que ajuda a explicar a grande homogeneidade dos programas iconográficos e decorativos da zona emeritense. No vizinho sítio de Nogueiras uma recente prospecção por nós efectuada permitiu documentar um bloco de mármore semi-trabalhado com uma cruz grosseiramente esquematizada, o que pode ser um indicador cronológico relevante, havendo ainda a registar fragmentos de terra sigillata clara norte-africana A e D, o que indica contextos de ocupação de pleno século V e eventualmente VI. Seguramente que com métodos arqueométricos se poderá continuar a preencher o mapa de difusão das produções do anticlinal de Estremoz/Vila Viçosa, que nos últimos tempos tem registado significativos contributos (Carneiro 2016: 300-301).

É necessário também equacionar que a produção de mármore alimenta o ressurgimento da centralidade de *Augusta Emerita* a partir do século V e, especialmente, no VI. A sua condição de capital da *Diocesis Hispaniarum* conduziu a um renovado esforço construtivo, dada a presença de uma elite actuante e apostada em retomar o grandioso papel da cidade. Neste renovado fulgor, a Igreja assume um papel decisivo enquanto promotora dos novos lugares de centralidade, como sucede com o mausoléu da Mártir Eulália. Para a capital provincial dispomos de um documento da maior relevância, que nos permite acompanhar o processo construtivo de templos que usam o mármore como elemento primordial na decoração. Trata-se da *Vitas Sanctorum Patrum Emeritensium*, onde se deescreve o memorial de Eulália:

*Aquí, donde el brillo de relucientes mármoles, traídos de fuera y del proprio país, llena de esplendor el templo santo [...].*¹⁵

A referência é importante, não só pelo valor documental que mostra o papel insubstituível do mármore, mas pela referência a «traídos de fora e do próprio país»: as redes de abastecimento mantinham-se eficazes, como aliás a cartografia dos naufrágios mediterrânicos evidencia para a Antiguidade Tardia (Sodini 2002). Note-se

13. Egeria, *itinerarium and loca sancta*. London, 1971 [trad. J. Wilkinson], II 9-10.

14. Deve-se a Jorge de Oliveira a documentação deste importantíssimo elemento, bem como a cedência da fotografia, pelo que muito agradeço ao Autor. Infelizmente, o pé de altar ter-se-á perdido, não sendo identificado em visita posterior ao local, nem nas prospecções realizadas a partir de 2008.

15. Prudentius, *Himnus in honoris passionis Eulaliae beatissimae martyris*, BAC 427 (1981) III, 190-195.

a variedade de laudas funerárias cristãs (Ramírez Sádaba e Mateos 2000) para que se perceba o volume de abastecimentos que continuava a chegar a *Augusta Emerita*. Até quando segue a exploração? Os dados são incertos, e tornam-se cada vez mais



FIGURA 2: ELEMENTO ENCONTRADO *IN SITU* EM NOGUEIRAS/HORTA NOVA NA DÉCADA DE 80.
Fotografia de Jorge de Oliveira

difíceis de perceber com a passagem dos tempos. Contudo, durante o reinado de Afonso III (866-910) a monarquia asturiana procede à encomenda de mármore chegado por via marítima. É muito provável que o mármore de Estremoz/Vila Viçosa continuasse a desfrutar do seu papel de matéria-prima por excelência para as construções de prestígio.

AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS E A REDE DE POVOAMENTO NO ANTICLINAL DE ESTREMOZ EM ÉPOCA ROMANA

LOCAIS DE EXTRACÇÃO

A exploração dos mármore é uma actividade por natureza autofágica, na medida em que os trabalhos em curso irão sempre delapidar e destruir os testemunhos anteriores. Acresce a este aspecto, de evidência básica para percebermos a escassez de informação no terreno, a profunda alteração da paisagem: a criação de espaços de apoio à laboração, como lugares de estadia para os trabalhadores; zonas de instalação de maquinarias e materiais de extracção; circuitos de passagem para as máquinas poderem trabalhar e escoamento dos produtos; perímetros de descarga dos inertes

e escombros; áreas de trabalho para corte e serração; zonas de escritórios; e espaços de armazenamento de maquinaria e dos blocos (fig. 3).



FIGURA 3: A PROFUNDA ALTERAÇÃO DA PAISAGEM CAUSADA PELA EXPLORAÇÃO DAS PEDREIRAS. IMAGEM NA ÁREA DE VIGÁRIA, VILA VIÇOSA

Portanto, a paisagem do anticlinal sofreu incomensuráveis alterações, ora abrindo e ampliando crateras, ora sepultando vestígios sob imensas escombrelas ou espaços de circulação. Olhar hoje para a paisagem do anticlinal implica observar a profunda antropização, em escala dificilmente inimaginável.

O retomar da laboração nas pedreiras foi relativamente lento. Em 1872 estavam em funcionamento no concelho de Borba apenas duas pedreiras, e em Estremoz laboravam quatro (Sousa 2015: 51). Em 1886 os números mantêm-se quase idênticos – Estremoz regista cinco pedreiras activas – com a curiosidade de se registar o número de trabalhadores envolvidos: vinte e dois operários em Estremoz e oito em Borba (Sousa 2015: 53). Estes baixíssimos números mostram-nos como a actividade envolvia poucos recursos, visto que a escala de trabalho era, efectivamente, residual, apesar do valor económico reconhecido ao mármore. Este estatuto apenas se altera em meados do século XX, quando a mecanização traz outra escala, mas registam-se sempre poucos trabalhadores envolvidos em cada pedreira. Este dado é importante ter presente quando se compara com a Antiguidade, na medida em que a proporção de pessoal envolvido não deveria, de facto, ser muito diferente.

Em contrapartida, também é necessário considerar que o modo como a exploração antiga do mármore se processava era completamente distinta da actual. A extracção em profundidade era desaconselhada, devido aos problemas logísticos e de transporte. Seguia-se a diáclase de pedra de qualidade que podia ser facilmente extraída no sentido da horizontalidade, e não tanto procurando a pedra mais profunda. Este era o sistema até tempos pré-industriais: em 1885 nenhuma

pedreira atingia mais do que 10 metros de profundidade, e ainda em 1934 a extracção era feita por meios totalmente manuais a um limite máximo de 18 metros (Matos e Quintas 2015: 172). Esta circunstância traz uma consequência: uma vez esgotada a laboração, a paisagem natural recompõe-se, sendo rapidamente recoberta pela vegetação circundante. Também assim se explica a dificuldade de localizar eventuais pedreiras antigas ocultas ou semi-ocultas na paisagem.

Estudar as paisagens marmóreas hoje é também compreender a dimensão da perda. Por isso, os testemunhos directos são residuais, devendo ser divididos em dois âmbitos: os deslocados do seu posicionamento original e os ainda conservados *in situ*, embora neste caso a atribuição cronológica à laboração de época romana possa ser dubitativa.

a) testemunhos deslocados - São sobretudo os provenientes da pedreira da Vigária, em Vila Viçosa. A maioria encontra-se exposto no caminho de acesso ao Museu de Arqueologia da Fundação Casa de Bragança, em Vila Viçosa (fig. 4). O mais emblemático será o bloco contendo a figuração de uma divindade aquática reclinada, esculpida a partir da fissuração natural do bloco de onde brotava água, situação que propiciou o talhe como forma de sacralizar o local (Alarcão 1997: 86). Em outros blocos expostos, podem observar-se as marcas de corte alinhadas, correspondendo ao processo utilizado para extracção: aproveitando as diáclases naturais, os trabalhadores marcavam com cunhas de madeira os orifícios que permitiam a fracturação. São ainda observados elementos não totalmente talhados, como bases e rolos de coluna. Ainda neste âmbito, é incontornável mencionar o togado (Fusco e Mañas Romero 2006: 34)¹⁶ encontrado na pedreira de Vigária e que se guarda nas instalações da SOLUBEMA, por documentar o raro testemunho de uma peça esboçada mas não terminada, antes de ser expedida para o local definitivo.



FIGURA 4: TESTEMUNHO DA EXPLORAÇÃO ROMANA PROVENIENTE DE VIGÁRIA E DEPOSITADO NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA FUNDAÇÃO CASA DE BRAGANÇA EM VILA VIÇOSA. Fotografia: André Carneiro

16. A peça foi-me mostrada pelo Eng.º Barros (SOLUBEMA), a quem muito agradeço.

b) testemunhos *in situ* - Em todo o anticlinal de Estremoz, o único local onde com segurança podem ser identificados testemunhos de exploração encontra-se em meio a uma paisagem profundamente transformada, na pedreira abandonada conhecida por Lagoa (Vila Viçosa) (Carneiro 2014: n.º 18.06 II: 429). Ainda se encontra preservado o negativo de um bloco para talhe de um sarcófago: o afloramento está cortado em forma sub-rectangular, supostamente para extracção do topo que teria sido trabalhado em outro local. Em seu redor, abundam os alinhamentos com cunhas (fig. 5), mostrando o processo de selecção da matéria-prima e a estratégia de extracção, que privilegiava os topos onde as linhas de fissuração natural possibilitavam um menor investimento.



FIGURA 5: TESTEMUNHO DE EXPLORAÇÃO *IN SITU* NA PEDREIRA DE LAGOA, VILA VIÇOSA.
Fotografia: André Carneiro

Não se encontram materiais arqueológicos que comprovem a filiação em época romana, mas as evidências de exploração são significativas e merecem que o local seja protegido e salvaguardado da progressão da exploração contemporânea.

Um pouco mais a Sul, notícias recentes que não foram passíveis de comprovação no local indicam que outras evidências de exploração antigas – possivelmente romanas – também existiriam quando se iniciou a corta de afloramentos entre o Monte da Lagoa e o Olival da Torre. Como (infelizmente) sempre sucede nestas ocasiões, o desmonte dos topos foi feito sem qualquer tipo de acompanhamento arqueológico, e as notícias só foram difundidas após a conclusão dos trabalhos de limpeza e corte superficial.

c) possíveis testemunhos – Junto ao sítio de Horta Nova (Borba) encontra-se uma extensão de afloramentos com evidências de extracção de blocos. Estão conservados os negativos alinhados de modo rectangular, procedendo à retirada de uma rocha calcária mais branda, possivelmente com intuítos de aproveitamento como material edilício de alvenaria. Não é possível asseverar que a exploração tenha ocorrido em época romana, mas a contiguidade do sítio de Nogueiras indica que é provável a laboração durante este período.

d) notícias não confirmadas - Em 1980 foi detectado um conjunto de marcas de laboração antigas na pedreira do Regoto (Estremoz) (Maciel 1997: 31; Maciel 1998). Os vestígios foram detectados «onde se extraía mármore branco anilado rosa, a uma profundidade de dois ou três metros debaixo da terra ali sedimentada», havendo ainda um «bloco irregular com duas cavidades talhadas em forma de sarcófago», que tinha sido encontrado no local e deslocado para o Monte do Olival (Maciel 1998: 237). Note-se que estas referências aproximam-nos da Pedreira da Marinela, onde se situa um dos mais raros e apreciados mármore do anticlinal de Estremoz. O autor referencia ainda uma «*villa* no sítio de Alpalhão, junto ao cruzamento da estrada» (Maciel 1998: 237-238, nota 20) que, apesar de todos os trabalhos de prospecção desenvolvidos no local desde 2008 até ao presente, nunca foi possível localizar no terreno (Carneiro 2014: 09.22 II: 244). Sublinhe-se, contudo, as profundas alterações da paisagem, quer devido à laboração das pedreiras, quer devido à construção da auto-estrada A6, que implicou a reformulação da rede viária nesta zona.

No mesmo texto é feita alusão ao achado de dois sarcófagos na pedreira de São Marcos (Vila Viçosa), de que teve conhecimento em 1966 o Professor José Bairrão Oleiro (Maciel 1998: 238-239 nota 21). Estão depositados no Museu de Arqueologia da Fundação Casa de Bragança e originalmente foram deixados no local porque ocorreu uma fracturação na fase final de desbaste que inviabilizou o prosseguimento dos trabalhos e a finalização das peças. Estes sarcófagos permitem documentar o processo de laboração original, observando-se que as paredes seriam lisas, dada a pouca espessura que inviabiliza o talhe de elementos escultóricos, e observam-se ainda as marcas da serra que desbastava a rocha para os separar.

Sempre de acordo com o artigo de Justino Maciel, é mostrada uma fotografia de um sarcófago proveniente do Monte d'El-Rei (Bencatel, Vila Viçosa) (Maciel 1998: 243, fot. 3) depositado também no Museu de Arqueologia da Fundação Casa de Bragança, embora no texto não se faça alusão à sua proveniência. Desta pedreira, que se encontra próximo da ermida da Sr.^a das Mercês, são também provenientes o fuste de uma coluna grosseiramente desbastada, que se guarda na dependência do escritório de uma das pedreiras que laboram na zona. De novo, a profunda alteração da paisagem, visto que a área de laboração de Monte d'El-Rei é das mais activas na zona de Bencatel, inviabiliza a percepção de outros vestígios na zona, embora a área tenha sido prospectada no decurso deste projecto, entre 2016 e 2018.

ÁREAS DE LABORAÇÃO E DE POVOAMENTO

Concelho de Estremoz (fig. 6)

O sítio de Senhora dos Mártires (Carneiro 2014: 09.16 II: 239-242) apresenta um significativo conjunto de indicadores, infelizmente nunca abordados de forma integrada, de modo a esclarecer o verdadeiro perfil de povoamento do local. A situação é tanto mais bizarra quanto a proliferação de construções na envolvente tem sido feita sem acompanhamento arqueológico; e apesar da monumentalidade de vestígios como o Tanque dos Mouros – ele próprio mutilado pela EN4 -, nunca houve uma acção de valorização e de divulgação destes elementos patrimoniais únicos no território nacional. Sendo este um dos locais arqueológicos mais relevantes em todo o anticlinal, custa a perceber como nunca se concretizou um projecto de estudo e dignificação dos valores existentes.

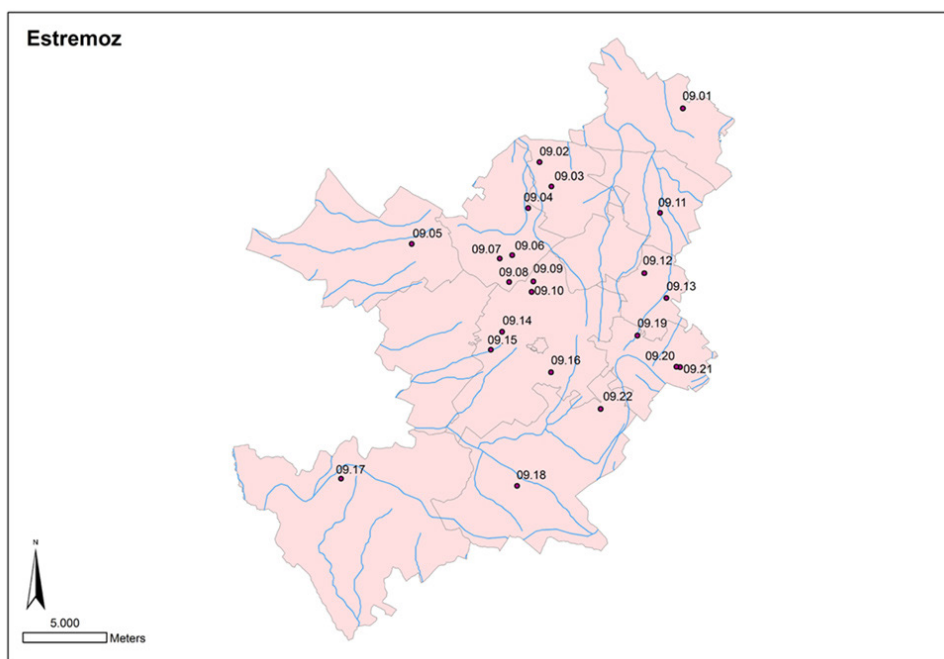


FIGURA 6: CARTOGRAFIA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ÉPOCA ROMANA NO CONCELHO DE ESTREMOZ. Elaboração por Joana Valdez-Tullet

É provável que a magnitude e diversidade dos vestígios existentes possa estar relacionada com a passagem da via XII do *Itinerário de Antonino*, como em outras ocasiões aponte (Carneiro 2008: 55-56; 2014 I: 173) e me parece que a resolução da proveniência do miliário atribuído a Horta do Agacha dissipa. Na zona de Mártires poderia existir o local de embarque das cargas marmóreas, fosse na direcção da capital provincial em *Augusta Emerita*, fosse com destino para *Ebora* ou para o comércio atlântico.

Certo é que as referências a achados na zona de Mártires são inúmeras, dispersas por várias fontes até serem coligidas de forma tão sistemática quanto possível no âmbito dos trabalhos de campo que resultaram na monografia de 2014. Mas fica por

saber o volume de informações recolhidas em achados avulsos que os habitantes da zona referem, tornando ainda mais incompreensível o modo como nunca se estruturou um projecto de investigação sistemático no local. Assim, temos a menção a aquedutos de transporte de água e a vários canais, alimentando e partindo da grande estrutura hidráulica conhecida como Tanque dos Mouros. Note-se também o raríssimo testemunho de um culto a Cíbele, patente na dedicatória oferecida por *Iulius Maximianus*, liberto de considerável poder financeiro (IRCP nº 440). Caso esta dedicatória estivesse inserida em alguma estrutura, talvez o bizarro elemento escultórico figurando um cão a ela pertencesse, embora a possibilidade de ser atribuída a uma fonte ornamental de âmbito doméstico possa também ser considerado. E depois temos as múltiplas referências a sepulturas, por vezes com inscrições ilegíveis porque apagadas pelo tempo, a sarcófagos em mármore, peças de cerâmica e moedas de cobre ou ouro. No terreno, hoje em dia, observa-se cerâmica de construção e comum por larga extensão, em torno a quatro ou cinco hectares, com muitos blocos de mármore talhados de modo sumário, especialmente em torno ao Tanque dos Mouros.

A proliferação de vestígios referenciados em notícias antigas e a diversidade de ocorrências que se observam no local, quer no terreno, quer em fotografias aéreas, deveriam merecer um mapeamento rigoroso, de forma a analisar o padrão de distribuição e o perfil de povoamento. As evidências apontam para um extenso local onde a relação com a passagem da via é evidente, possivelmente para o escoamento das cargas marmóreas. Contudo, é necessário perceber que tipo de povoado foi este. Da mesma forma, também é urgente dignificar os impressionantes restos da grande estrutura hidráulica do Tanque dos Mouros, que poderia ser o ponto de partida para um roteiro sobre a exploração romana do anticlinal de Estremoz. É incompreensível o esquecimento a que este sítio está votado.

Concelho de Borba (fig. 7)

O sítio de Nogueiras (Carneiro 2014: II 04.13) merece, pela diversidade e relevância de indicadores, um olhar atento e um projecto de salvaguarda e estudo, pois apresenta um cruzamento único de características.

Os vestígios estendem-se por cerca de dois hectares, mas de modo mais intenso ao longo de uma plataforma ligeiramente sobre-elevada face à envolvente e que poderá corresponder à existência de estruturas no subsolo. A cerâmica abunda no local: tégulas e imbrices, como em muitos sítios de laboração na área, mas em Nogueiras há a somar a presença de vários fabricos de cerâmica comum e alguns fragmentos de ânforas, *terra sigillata* galo-romana, hispânica e clara A e D. Ou seja, pelo registo de superfície documenta-se um abundante conjunto de abastecimentos e também a persistência na diacronia de ocupação. Além das cerâmicas, merece destaque a profusão de escórias e sub-produtos de actividades metalúrgicas, que na sua maioria foram depositadas nos moroiços e acumulados de pedra ali existentes. A quantidade e dimensão destes resíduos é evidente, denunciando um intenso fabrico de materiais de ferro, sendo de notar que na

envolvente estão referenciados várias ocorrências de minas antigas. Note-se também que nos moroiços estão depositados blocos de quartzo com ocorrência de minério de ferro.

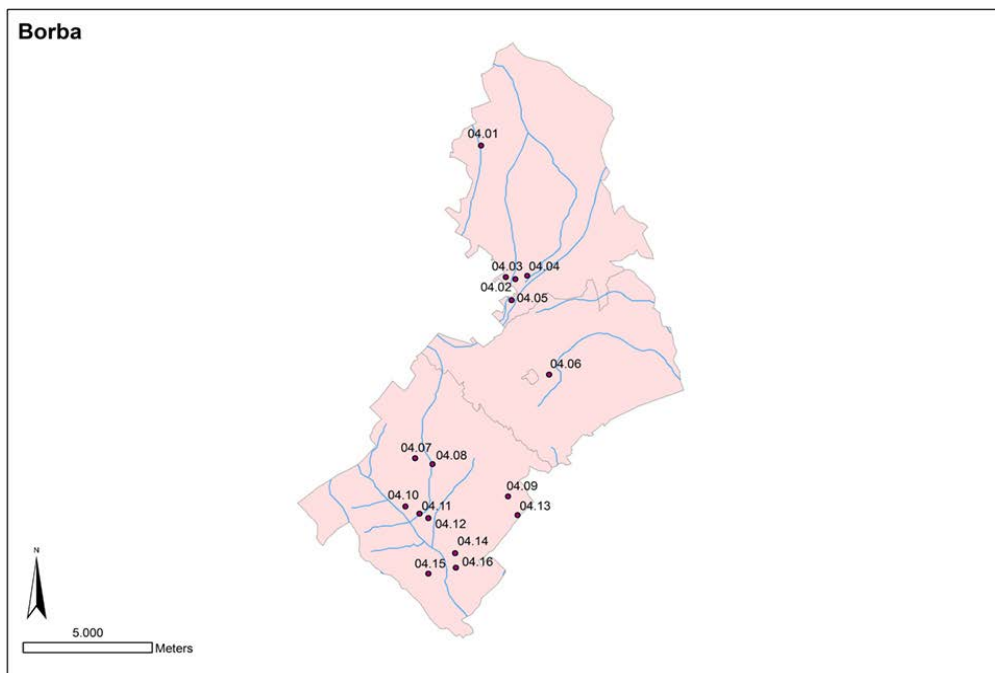


FIGURA 7: CARTOGRAFIA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ÉPOCA ROMANA NO CONCELHO DE BORBA. Elaboração por Joana Valdez-Tullet

O dado mais relevante, contudo, consiste na profusão de blocos marmóreos semi-trabalhados que se encontram no local e na envolvente. Alguns foram sumariamente talhados, como uma grande laje marmórea que se encontra na propriedade vizinha, havendo ainda um bloco que apresenta uma cruz grosseiramente desenhada (fig. 8). Em visita recente, também foi identificada uma base de coluna semi-esboçada, com a morfologia e linhas características já evidenciadas. A quantidade de elementos marmóreos semi-trabalhados é tão elevada que justifica a presença de vários moroiços, sobretudo na extrema da propriedade.

Embora tenha sido interpretado como uma *villa*, sem dúvida devido à identificação de cerâmica fina de importação, estão ausentes alguns dos elementos típicos dessa categoria como, por exemplo, indicadores



FIGURA 8: BLOCO DE MÁRMORE SEMI-TALHADO ENCONTRADO EM NOGUEIRAS (BORBA) COM CRUZ GROSSEIRAMENTE DESENHADA. Fotografia: André Carneiro

pertencentes a construções monumentais. Em contrapartida, todo o relatório aponta para a existência de áreas de laboração, quer pela ocorrência de escória e de vestígios de actividades metalúrgicas, quer pela profusão de blocos marmóreos semi-trabalhados. Desta forma, no lugar de uma *villa marmoraria* como em anterior texto foi proposto (Carneiro 2014: 04.13 II: 77), talvez estejamos em presença de um extenso povoado com o maior e mais diversificado conjunto de indicadores da cultura material que pode ser encontrado em todo o anticlinal.

Concelho de Vila Viçosa (fig. 9)

As informações sobre os sítios de povoamento romano são provenientes da obra do Padre Joaquim Espanca (1993 mas com edição original em 1885), e por isso difíceis de relacionar com as realidades actualmente existentes, dadas as múltiplas alterações da paisagem entretanto ocorridas. O que actualmente se encontra é um quadro mais estereotipado, de dispersão de cerâmica de construção e alguma cerâmica comum ao longo de vários hectares, deixando antever a existência de sítios extensivos e distendidos no espaço (Carneiro 2014; 2018). As actividades de talhe e laboração do mármore são visíveis pela presença de inúmeros restos de blocos marmóreos informes de pequena dimensão, possivelmente rejeitados e sobrantes sem utilidade. É o caso da situação observada em Vilares da Galharda (Carneiro 2014: 18.07 II: 429), junto a Bencatel, onde prosseguem válidas as impressões de terreno colhidas pelo Padre Espanca, onde «há ladrilhos e telhões com alguns mármorees talhados, mas também muitíssima pedra miúda e alguma grossa.» (Espanca 1993: 72) A dispersão destes vestígios é, como nos outros casos, muito ampla, pois atinge os dois ou três hectares. Não se nota uma área de concentração diferenciada, mas zonas dispersas e espalhadas no espaço.

Refira-se ainda que a presença humana foi dilatada no tempo, visto que se encontrou uma inscrição paleocristã, o epitáfio de uma criança denominada *Domitia*.

A situação é mais difusa em Aldeia das Freiras (Carneiro 2014: 18.08 II: 430-431), onde os índices de ocupação actual no terreno tornam mais complicada a identificação de vestígios, dada a existência de variadas construções e parcelamentos. Esta situação contrasta com o panorama verificado pelo Padre Espanca, a julgar pela profusão de evidências que descreve, mesmo sendo de considerar os evidentes exageros do autor:

«1º- Uma grande pedra de doze palmos de comprimento por três de largura, a qual tinha no centro dos extremos uma cavidade como de rodízio ou couceira de porta, e junto dessa cavidade outra menos para gato de ferro. Era inquestionavelmente ali um grande pórtico. [...] 4º Uma outra não apurada a cinzel ou escoda estava empinada e sobre ela tinham posto os trabalhadores um busto de mármore, cuja cabeça padecera a lesão de uma lasca tirada na face esquerda, compreendendo boca, nariz e olho direito. [...] várias pedras grossas junto do pórtico referido e ao longo dos alicerces de uma capela ou templo, indicando serem bases sobre que se erguiam colunas ou grossas pilastras. Seria aqui algum templo de Fontano e Fontana?... Deus o sabe. Na traseira deste edifício apareceram alguns canos de chumbo em perfeita conservação. Eram aquedutos de

pequena porção de água e, segundo parece, de umas termas ou banhos quentes, pois mais adiante estava um tanquinho ou banheira de argamassa duríssima, além de cinzeiros perto dos canos. [...] admirei novos mármore, inculcando serem alicerces de outros [...] tábuas de mármore alvíssimo talhado à serra, pedaços de cornija, florões de cimento [...]» (Espanca 1993: 80).

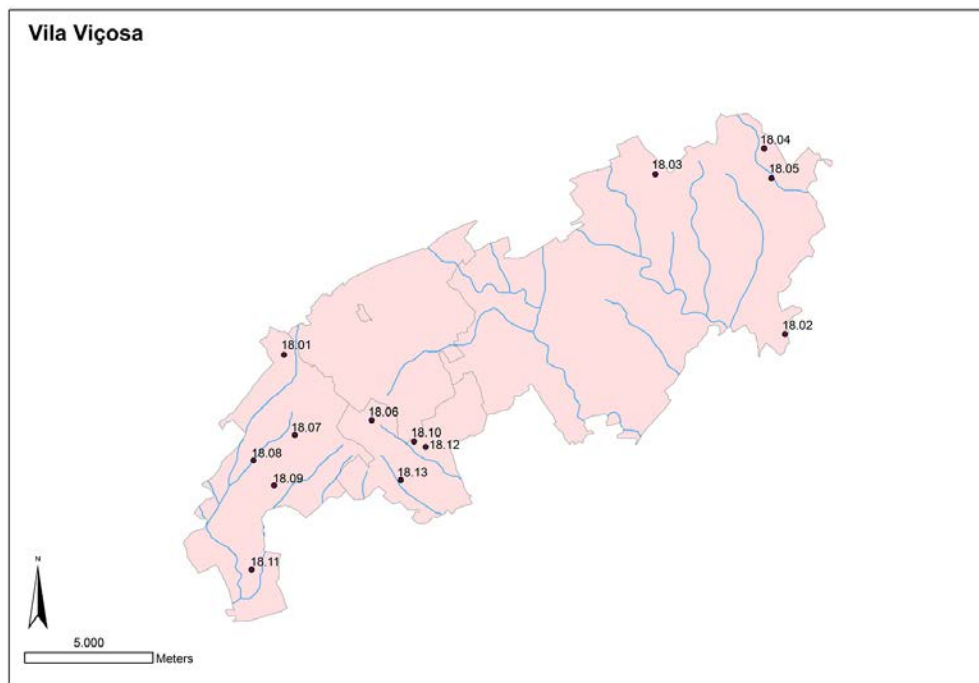


FIGURA 9: CARTOGRAFIA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ÉPOCA ROMANA NO CONCELHO DE VILA VIÇOSA. ELABORAÇÃO POR JOANA VALDEZ-TULLET

Fazendo fé na veracidade da descrição, teríamos um conjunto de edificações de carácter público, possivelmente albergando termas, a julgar pelo «tanquinho» e «canos de chumbo em perfeita conservação». Quanto a «um grande pórtico», poderia marcar a entrada para um edifício ou recinto, acentuada pela soleira de porta. A existência de «uma mão» e «um busto» em mármore pode sugerir uma iconografia elaborada e compaginável com um espaço de congregação de gentes.

Em algum local deveria existir um recinto funerário: a apreciável quantidade de inscrições assim o indica (IRCP n.º 438, 443, 452, 455, 467), com a diversidade onomástica concordando com a existência de um local para onde confluíram pessoas de distintas proveniências. Note-se ainda uma rara inscrição a *Fontano et Fontanae*, que poderia pertencer ao hipotético edifício termal atrás referenciado, ou a alguma estrutura de carácter cultual que existisse no local, em agradecimento ao manancial que brotava do chão, conforme se registou na notícia do achado (Vasconcelos 1905: 256). Como em outro texto notei (Carneiro 2009-2010: 254-255), a carga de conteúdos sacros do local manteve-se ao longo da diacronia histórica, uma vez que junto à Azenha de Aldeia das Freiras encontra-se a Azenha da Saúde e, a 2 km para Leste, a antiga ermida de Santa Ana que, como sabemos, está ligada à cura das doenças oftalmológicas, tendo por isso, conotações salutíferas da mais elevada importância.

Pelo exposto se conclui que a profusão de elementos descritos na zona de Aldeia das Freiras, a Sul de Bencatel, torna o local como forte candidato a sede de um eventual núcleo de povoamento que organizasse a actividade extractiva nesta região. Se a maioria dos restantes sítios não apresenta grande variedade de indicadores, no caso de Aldeia das Freiras, as notícias antigas são eloquentes. Contudo, e para a investigação actual, o maior paradoxo reside no facto de ser precisamente neste local que menos vestígios se encontram à superfície, ou seja, as prospecções feitas em Aldeia das Freiras e na sua envolvente (incluindo Santa Ana) nunca trouxeram dados significativos que permitam esclarecer o efectivo perfil de povoamento de um dos sítios mais promissores de todo o anticlinal de Estremoz/Vila Viçosa. Questão em aberto, portanto.

Ainda no concelho de Vila Viçosa, em torno de S. Marcos (Carneiro 2014: 18.10 II: 431-432) temos descrições de «vilares», sítios híbridos, simultaneamente de extracção e laboração do mármore. Além da habitual cerâmica de construção e comum, referem-se colunas de mármore, silhares e objectos vários. A novidade neste local é-nos dada através de Mário Saa, que refere o achado de mosaicos, embora esta informação deva ser lida com cuidado, uma vez que ninguém mais a reproduz (Saa 1956: 138). Soma-se também a descrição de um espaço de lagar, com uma grande pedra no seu centro, que foi obtida por informação oral. Além do mais, deveria existir um espaço sepulcral, pois alguns trabalhadores recordam-se de terem sido desmontadas algumas sepulturas com inumações no seu interior e contendo objectos, dos quais o mais emblemático seria uma pulseira de ouro que entretanto desapareceu.

Entre S. Marcos e o sítio seguinte, a paisagem sofreu uma radical transformação. Estamos em pleno epicentro da exploração contemporânea do mármore, com pedreiras que atingem os 120 metros de profundidade. Todavia, no extremo Sul da zona, logo a seguir à pedreira do Cochicho, encontra-se um dos sítios mais bem preservados e promissores do anticlinal. Trata-se de Fonte Soeiro (Carneiro 2014: 18/12 II: 432), defendido pelo uso agrícola da propriedade. Aqui, vários indicadores se encontram. Desde logo a menção a um caminho que seguia para Espanha, uma memória curiosa porque a implantação topográfica do local dificilmente permite um escoamento nessa direcção, mas na realidade ainda se vê um velho troço de caminho marcado na micro-topografia do local. À superfície, também os materiais se encontram a referenciar um indicador de relevo, pois concentram-se sobretudo em torno de uma pequena lomba originada por construções no subsolo, visto que quebra uma pendente suave. Os materiais são variados, sendo de destacar que este é um dos poucos locais do anticlinal onde se encontram cerâmicas de importação, nomeadamente *terra sigillata* hispânica e ânforas de fabrico lusitano. Além de vários tipos de cerâmicas de construção, encontram-se cerâmica comum, escória de ferro e manchas de *opus signinum*. Mais para cima, na direcção da encosta e das escombrelas actuais, várias fontes referiram achados antigos de sepulturas, sendo que há notícia de achados de «pedras com letras».

Na terminação do anticlinal encontra-se a actual povoação de Pardais (Carneiro: 2014 18.13 II: 432-433). Os vestígios seriam tão relevantes que Mário Saa coloca a sede da *mansio* de *Ad Adrum Flumen*, ponto de passagem da via XIV mencionado

no Itinerário de Antonino (1956 138). Daqui são provenientes os achados de «fuste de coluna, de uma base ática, de um fragmento de placa de revestimento e de um capitel bastante tardio, além de numerosos fragmentos de um único mosaico a duas cores» que J. Bairrão Oleiro registou, e que se guardam no Museu de Arqueologia da Fundação Casa de Bragança em Vila Viçosa (Maciel 1998: 241 nota 21).¹⁷ Dos topónimos referidos pelo Padre Espanca, apenas o «Monte da Misericórdia» é hoje reconhecível, mas não se encontraram testemunhos de achados antigos, apesar dos «ladrilhos e telhões Romanos, que formam camadas de uns sobre outros, indicando serem relíquia de sumptuosos edifícios» apontados pelo autor (Espanca 1993: 83). Do local provém ainda uma rara invocação epigráfica, constante de uma dedicatória a *Salus* em agradecimento por alguma graça curativa (IRCP n.º 375). Note-se ainda que o mármore de Pardais foi objecto de exploração em época romana com um âmbito de distribuição que chegou a atingir *Pax Iulia* (IRCP n.º 270, 314, 320 e 362) e também *Salacia* (IRCP n.º 183), sendo bem reconhecível pela sua tonalidade cinzenta muito escura, pouco própria para elementos escultóricos, mas com importante uso em inscrições de âmbito funerário.

COMENTÁRIO: SÍTIOS DE EXTRACÇÃO E LABORAÇÃO NO ANTICLINAL

Os sítios recenseados no anticlinal apresentam um eixo comum no que respeita à sua implantação na paisagem.

Os locais privilegiam as cotas intermédias, não se aproximando dos pontos mais elevados, onde as facilidades de extracção e, sobretudo, de transporte, seriam mais complexas, dado o denteado das cristas marmóreas. Por isso, é nas zonas mais planas e de cotas médias que encontramos a laboração, como em Horta Nova, Lagoa e na zona entre S. Marcos e Fonte Soeiro. O acesso é mais facilitado às diáclases superficiais e também ao escoamento dos blocos, procurando zonas de pendente suave por onde os carros de bois transportassem as cargas até às zonas imediatas de laboração. Nota-se ainda que na vertente Norte e Este do anticlinal não encontramos evidências de extracção, o que poderá estar relacionado com a existência de desníveis topográficos mais acentuados e, eventualmente, com a implantação dos actuais aglomerados urbanos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa e com a necessária alteração da paisagem envolvente, sobretudo devido à rede viária.

Quanto às evidências no terreno, o elemento mais notável a destacar é, desde logo, a grande extensão de cada um deles. De um modo geral, as unidades de povoamento estendem-se por dois a quatro hectares, e em vários casos temos visões truncadas pelas transformações contemporâneas da paisagem. Esta impressão de extensas áreas justifica o qualificativo de «Vilares» que os autores antigos atribuem, ou seja, «lugares ou pequenas aldeias». Este dado, contrasta com o panorama

17. Citando um parecer não publicado da autoria de José Manuel Bairrão Oleiro de 24 de Março de 1966 intitulado *Achado de dois sarcófagos numa pedreira em Pardais*, Lisboa, Junta Nacional de Educação.

observado por Ruth Taylor: «Se trata generalmente de yacimientos muy pequeños, con una extensión detectada en superficie entre 100 y 500 m², caracterizados por una dispersión de materiales muy pobres [...]» (Taylor 2017: 241).

Pelo contrário, nos sítios do anticlinal a extensão e a variedade de indicadores são a norma. Actualmente, na maioria dos locais, apenas se visualizam materiais cerâmicos de construção e blocos marmóreos com evidências de talhe sumário. Contudo, como vimos, as notícias antigas ampliam substancialmente o leque informativo, com notícias de elementos construtivos e ornamentais. Note-se também que parece existir uma rara contiguidade, ou proximidade espacial entre os locais de vida e os âmbitos funerários, visto que não se notam separações na paisagem entre os espaços de laboração e aqueles onde se referem achados de elementos sepulcrais. Neste campo, os sítios do anticlinal apresentam uma profusa quantidade de epigrafia funerária, no que me parece ser um dos indicadores mais relevantes para uma análise sociocultural. Na verdade, contrariando a visão geral de massas de trabalhadores indiferenciados, observa-se que do anticlinal provêm várias inscrições funerárias ou votivas, indicando relevantes indicadores de cariz antroponímico (onomástica helenizante, por exemplo) e económica. Merece destaque a inscrição de Mártires atribuída a *Iulius Maximianus*, liberto que ostenta a sua condição de modo inequívoco.

Como foi referido por diversas vezes, todo o anticlinal necessita de um mapeamento rigoroso das evidências arqueológicas, até como forma de salvaguarda e valorização deste património. Mas um dos elementos relevantes para a compreensão espacial deste modelo de povoamento que só de forma fugaz conseguimos entrever é a proximidade destes «Vilares» ou locais de laboração a mananciais de água. Em Mártires esse facto é evidente, mas em todos os outros locais encontramos esta proximidade, originando agradecimentos a *Salus* e a *Fontano et Fontanae*. Este pode ser outro indicador para o futuro da investigação: embora todo o anticlinal seja uma considerável reserva estratégica de água, em certos pontos privilegiados os mananciais afloram.

Neste âmbito de análise, note-se ainda que em vários locais se observam indicadores micro-topográficos sugestivos. Em Galharda, Nogueiras ou Fonte Soeiro, notam-se pequenos relevos e plataformas que podem indicar a presença de estruturas no subsolo, eventualmente ainda bem conservadas. Seria portanto necessário que se cuidasse da preservação destes sítios e se procedesse a acções de mapeamento, eventualmente recorrendo a técnicas não invasivas, como a prospecção por georadar.

Note-se ainda que não existe a preocupação de orientar a implantação destes sítios de acordo com critérios de proximidade a solos de elevada aptidão agrícola. É certo que em alguns casos encontramos boas hortas nas proximidades, como em Aldeia das Freiras ou Fonte Soeiro, mas a mancha de dispersão dos vestígios parece orientar-se para outras direcções (em torno do curso de água, no primeiro caso, e para as actuais pedreiras, no do sítio próximo de Pardais). Nestes como em outros casos a preocupação parece ser outra, direccionando-se em função de áreas com espaço para laboração e dos já referidos recursos hídricos em abundância.

PARA ALÉM DO MÁRMORE: A REDE DE POVOAMENTO NA ENVOLVENTE DO ANTICLINAL E A EXPLORAÇÃO AGRO-PECUÁRIA

A análise da rede de povoamento na envolvente do anticlinal que tem sido conduzida desde 2008, com trabalhos de prospecção direccionados para a confirmação de notícias antigas, tem reconstruído uma dinâmica de ocupação do território que permite estruturar alguns eixos de análise. Estas leituras têm sido publicadas (Carneiro 2014; 2018) e irão continuar a ser analisadas, pelo que se apresentam aqui alguns dados que podem ser relevantes na perspectiva do modo como se organizou a articulação do território.

Ao contrário do proposto pela investigação, não parece existir uma vinculação directa entre os sítios que podem ser classificados como *villa* e a extracção do mármore. Como vimos no capítulo anterior, e à excepção de Pardais, onde se regista o achado de mosaicos, a cultura material de superfície que se encontra nos sítios aqui considerados não parece ser compatível com a existência de *villae*. Pelo contrário, na envolvente do anticlinal, esses padrões encontram-se presentes, mas é também a implantação na paisagem que me parece ser um elemento decisivo.

Não é este o local para uma apresentação detalhada dos sítios na envolvente do anticlinal, que em outro local foi feito de modo exaustivo (Carneiro 2014, vol. II), mas pode ser feita a sua enumeração sucinta.

Iniciando a análise de norte para sul, temos Santa Vitória do Ameixial (Carneiro 2014: 09.04, II: 221-229), o único sítio objecto de escavações extensivas, promovidas por uma equipa do Museu Nacional de Arqueologia nos inícios do século XX (Chaves 1956). Os dados recolhidos configuram a existência de uma das mais requintadas *villae* de *otium et contemplatio* da *Lusitania*, com uma apurada planimetria e a profusa utilização de mármore como elemento decorativo de prestígio. Este aspecto é visível na impressionante colecção de esculturas e frisos decorativos (Matos 1995), sem dúvida a de maior diversidade e aparato no conjunto das *villae* do território português. Os proprietários são desconhecidos, mas de alto estatuto social e político: um extraordinário conjunto de 3500 moedas, um pedestal com a inscrição *Bono reip(ublicae) natus* ou uma *bullae* de ouro, entre outros materiais, não têm qualquer paralelo com qualquer outro sítio privado conhecido na região.

E contudo, todos os indicadores do local apontam para uma vinculação agro-pecuária. Desde logo a sua implantação, procurando as *paisagens ideais* caras ao imaginário dos *domini*, mas também o facto de se encontrar voltada precisamente na direcção oposta ao anticlinal, próximo de solos de excelente capacidade agrícola, da qual se extraía o sustento que alimentava o lagar identificado nas campanhas de escavação no local. Nenhum indicador relacionado com a exploração do mármore pode ser, para já, atribuído ao local.

Sobre outros sítios a informação não é tão substantiva, visto que, ou não foram escavados, ou os trabalhos decorreram de modo problemático e sem publicação.

É o caso de outra *villa* situada no concelho de Estremoz, mas na direcção oposta, por se encontrar voltado para Nascente, no lado oposto do anticlinal. Em Reguengo (Carneiro 2014 II: 237-239) decorreram escavações nunca publicadas, encontrando

canalizações em *opus signinum*, colunas e capiteis em mármore, além de numerosos materiais de superfície. Todavia, a vocação do local parece ter sido outra, visto que se encontra grande quantidade de escórias de ferro na sua proximidade, junto ao Monte das Ferrarias, que é por si só um topónimo esclarecedor. Acresce que o local está um pouco mais afastado do anticlinal e junto a solos de excelentes capacidades agrícolas.

Próximo deste local mas já no concelho de Borba encontra-se a *villa* de Zumbrete (Carneiro 2014: 04.02 II: 71-72), em quadro fisiográfico semelhante, com implantação de acordo com os preceitos clássicos e próximo de excelentes solos. O mármore está bem presente à superfície, pois, foi encontrado um pequeno elemento escultórico, uma base de coluna e uma placa moldurada. São dignos de registo os numerosos fragmentos informes que podem pertencer a restos de talhe, em registo semelhante aos sítios listados no ponto anterior, o que pode indicar uma área de laboração de mármore.

Na área urbana de Borba foi identificado o sítio de Cerca (Carneiro 2014: 04.06 II: 73-74), que teve uma intervenção arqueológica muito problemática e que na prática, pouco esclarece sobre o tipo de presença antiga. Foi identificado um edifício de absides geminadas com paredes revestidas a estuque e pavimento de mosaico, sendo este um dos poucos registados em toda a área do anticlinal. Mas em nenhum momento se refere a ocorrência de mármore, tendo-se perdido uma boa ocasião de conhecer o sítio que está mais próximo da área de laboração das pedreiras.

No concelho de Vila Viçosa encontra-se a *villa* de Torre do Cabedal (Carneiro 2014: 18.05 II: 428-429), embora já a uma distância apreciável do anticlinal e em quadro paisagístico que também configura uma realidade de base agro-pecuária. O sítio foi parcialmente escavado mas nunca publicado, sendo ainda hoje visível um impressionante edifício termal com uma *nataio* decorada com mosaicos de motivos piscícolas. Actualmente entregue à depredação dos caçadores de tesouros, a única ligação com o mármore parece ser a menção a uma «roda de ralo» ou tampa de escoamento neste material, embora os dados sobre o local sejam muito imprecisos.

Em visão geral, os sítios que se encontram na envolvente do anticlinal parecem ter em comum um padrão de implantação distante do que encontramos na categoria anterior. Desde logo, em nenhum caso se documenta a proximidade espacial com a área das pedreiras; mais, nenhum apresenta sequer uma relação visual, visto que estão voltados para a linha de horizonte oposta, dominando férteis campos agrícolas. Este dado é muito relevante, pois sabemos como as fontes literárias mencionam os *domini* observando os trabalhadores laborando nas actividades agrícolas.¹⁸

No que se refere ao registo de superfície, os dados também são mais variados: grande quantidade de cerâmicas de importação, quer as de tipo *terra sigillata*, quer os contentores anfóricos de abastecimento, a par de outros fabricos e de elementos arquitectónicos de carácter monumental, como colunas e capiteis em mármore ou silhares de granito. Salienta-se a ausência dos blocos informes de mármore que predominam nos sítios do anticlinal (e que apenas estão presentes em Zumbrete),

18. A título de exemplo, Sidonio Apolinar sobre a *villa Leontina*: *Carmina* XXII 210-215.

e em troca, temos manchas concentradas de materiais, enquanto em outros sítios o registo é rarefeito e espalhado no espaço.

Parece portanto legítimo concluir, nesta fase da investigação, que os sítios de extracção e laboração se encontram no interior da área do anticlinal, e que na sua envolvente se encontra esta cintura de *villae* de características monumentais. A confirmar-se este padrão com mais prospeções intensivas, será legítimo supor que neste território a exploração não se encontrava entregue a *domini* que nos seus *fundi* próprios organizavam a extracção do mármore com os seus recursos próprios. Fica por esclarecer, contudo, quais as articulações mútuas de abastecimento e conectividade. Poderiam ser estas *villae* a providenciar a matéria-prima de subsistência para quem laborava no anticlinal ou, pelo contrário, a sua dinâmica era outra – voltada para a autarcia ou para a exportação? E qual a relação destes *domini* com o mármore enquanto consumidores, sabendo-se que em alguns casos – como Santa Vitória do Ameixial ou Torre de Palma (Monforte) - o mármore empregue é do anticlinal, mas em outras *villae* o abastecimento vem de regiões distantes: na *villa* de Quinta das Longas (Elvas) o conjunto escultórico provém do outro extremo do Mediterrâneo, estando vinculado às oficinas de Afrodísias, enquanto na *villa* de Horta da Torre (Fronteira), em curso de escavação pelo signatário, os frisos do rodapé da grande sala do *stibadium* parecem ter vindo das pedreiras de Trigaches (Beja), não pertencendo seguramente ao anticlinal de Estremoz. Desta forma, a leitura não é unívoca e directa, subsistindo numerosos pontos para a investigação futura.

FONTES

- AUSONIUS, *Moselle*. Trad. H. G. Evelyn-White, 2 vols., Cambridge Massachusetts, Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1919-1921.
- EGERIA, *itinerarium and loca sancta*. Trad. J. Wilkinson, London, 1971.
- PLINIO-O-VELHO, *Natural History*. Trad. H. Rackham, 10 vols, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1917
- PRUDENTIUS, *Himnus in honoris passionis Eulaliae beatissimae martyris*, London, BAC 427, 1981.
- Sidonio Apolinar Poèmes. Trad. A. Loyen, Paris, Les Belles Lettres, 1970.

BIBLIOGRAFIA

- IRCP: Encarnação, J. 1984
- ALARCÃO, A. 1997: *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*. Lisboa.
- ALARCÃO, J. 1990: «A produção e a circulação dos produtos», en J. Serrão e A. H. de Oliveira Marques (ed.), *Nova História de Portugal*. Lisboa.
- ALARCÃO, J. e TAVARES, A. 1989: «A roman marble quarry in Portugal», en R. Curtis (ed.), *Studia Pompeiana and classic in honor of Wilhelmina Jashemski*. New York: 1-12.
- ÀLVAREZ, A. DOMÈNECH, P. LAPUENTE, À. PITARCH e H. ROYO 2009: *Marbles and stones of Hispania: catálogo de la exposición celebrada con motivo del IX ASMOSIA Conference (Tarragona, 8-14 de junio 2009)*. Tarragona.
- ANDREU PINTADO, J. 2012: «Los marmora de Lusitania: su uso como soporte epigráfico», en V. García-Entero (ed.), *El marmor en Hispania: explotación, uso y difusión en época romana*. Madrid: 315-330.
- ANTONELLI, F., LAPUENTE, P., DESSANDIER, D. e KAMEL, S. 2015: «Petrographic characterization and provenance determination of the crystalline marbles used in the Roman city of Banasa (Morocco): New data on the import of Iberian marble in Roman North Africa». *Archaeometry*, 57 (3): 405-425.
- BIRLEY, A. 2000: *Marcus Aurelius, a biography*. New York.
- CANTO, A. M. 1977-1978: «Avances sobre la explotación del mármol en la España romana». *AEspA* 50-51: 165-188.
- CANTO, A. M. 1997: *Epigrafia romana de la Betúria céltica*. Madrid.
- CARNEIRO, A. 2008: *Itinerários romanos do Alentejo: uma releitura de «as grandes vias da Lusitânia», de Mário Saa, quarenta anos depois*. Lisboa.
- CARNEIRO, A. 2009-2010: «A cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana: uma leitura de conjunto». *Hispania Antiqua* 33-34: 237-272.
- CARNEIRO, A. 2014: *Lugares, Tempos e Pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Coimbra.
- CARNEIRO, A. 2016: «Mudança e continuidade no povoamento rural no Alto Alentejo em época tardia», en J. d'Encarnação, M. Conceição Lopes e P. C. Carvalho (coors.), *A Lusitania entre romanos e bárbaros*. Coimbra: 281-308.
- CARNEIRO, A. 2018: «Vila Viçosa e a exploração do mármore em época romana», en *Vila Viçosa. Vila Ducal renascentista. Vol. III - Estudos Históricos do dossiê de candidatura de Vila Viçosa à lista do Património Mundial da UNESCO*. Vila Viçosa [policopiado].

- CHAVES, L. 1956: «Estudos lusitano-romanos. I – A Villa de Santa Vitória do Ameixial». *O Arqueólogo Português* 30: 14-117.
- CRUZ VILLALÓN, M. 2015: «The use of marble in Lusitania between Rome and Islam», en P. Pensabene e E. Gasparini (ed.), *Interdisciplinary Studies on Ancient Stone. ASMOSIA X Proceedings of the Tenth International Conference of ASMOSIA Association for the Study of Marble & Other Stones in Antiquity (Rome, 21-26 May 2012)*. Roma: 85-91.
- ENCARNAÇÃO, J. 1984: *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, J. 2008: «Dédicants et cultores: quelques aspects... dans la Lusitanie romaine. Le cas d'Endovellicus», en A. Sartori (ed.), *Dedicanti e cultores nelle religioni celtiche*. Milano: 61-71.
- ESPANCA, P. J. J. da R. 1993: *Memórias de Villa-Viçosa*. (Cadernos Culturais de Vila Viçosa nº 1 a 35). Vila Viçosa [1º ed. 1885].
- FABIÃO, C., SCHATTNER, T. e GUERRA, A. 2008: «El mármol en el santuario de Endovelico», en T. Nogales e J. Beltrán (eds.), *Marmora Hispana: Explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania romana*. Roma: 391-405.
- FANT, J. C. 1988: *Ancient marble quarrying and trade (British Archaeological Reports 453)*. Oxford.
- FUSCO, A. e MAÑAS ROMERO, I. 2006: *Mármoles de Lusitania*. Mérida.
- GARCÍA-ENTERO, V. e VIDAL, S. 2012: «El uso del marmor en el yacimiento de Carranque (Toledo)», en V. García-Entero (ed.), *El marmor en Hispania: explotación, uso y difusión en época romana*. Madrid: 135-153.
- GARCÍA-ENTERO, V., ARANDA, R. e VIDAL, S. 2020 (e.p.): «The Late Roman Palatial Building (Late 4th –Early 5th centuries AD) of Carranque (Toledo, Spain) and the massive use of mediterranean –but not only- marmora», en V. Ruppene (ed.), *Interior decorations in the Late Antique imperial palaces, villas and palatial complexes*. Forschung zu Spätantiken Residenzen, 1st Vol.
- GONZÁLEZ HERRERO, M. 2011: «La figura de *L. Cornelius L. F. Gal. Bocchvs* entre los *praefecti fabrum* originarios de Lusitania», en J. L. Cardoso e M. Almagro-Gorbea (eds.), *Lucius cornelius Bocchus. Escritor lusitano da Idade da Prata da literatura latina*. Lisboa-Madrid: 245-258.
- GONZÁLEZ SOUTELO, S., GUTIÉRREZ GARCIA-MORENO, A. e ROYO PLUMED, H. 2018: «El sarcófago romano de Tui (Pontevedra): un ejemplo de la presencia de material marmóreo foráneo en el noroeste de la península Ibérica». *SPAL* 27.2: 229-246.
- GUTIÉRREZ GARCIA-MORENO, A. 2009: *Roman quarries in the Northeast of Hispania (Modern Catalonia)*. Documenta 10. Tarragona.
- HERAS MORA, F. J. e PEÑA JURADO, A. 2011: «Un taller de reciclado de mármoles en Mérida. Su valoración histórica a través de los «residuos» de talla», en T. Nogales e I. Rodà (eds.), *Roma y las provincias: modelo y difusión* (Hispania Antigua, Serie Arqueológica 3). Roma: 1047-1052.
- HIRT, A. M. 2010: *Imperial mines and quarries in the Roman world: organizational aspects, 27 BC–AD 235*. Oxford.
- LOPES, L. 2003 *Contribuição para o conhecimento tectono-estratigráfico do Nordeste Alentejano, transversal Terena-Elvas. Implicações económicas no aproveitamento de rochas ornamentais existentes na região (mármoles e granitos)*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora [policopiado].
- LOPES, J.L.G., LOPES, J.M.C.C.A., PEIXOTO CABRAL, J.M. e SARANTOPOULOS, P. 2000: «Caracterização petrográfica dos monumentos romanos de Évora». *A Cidade de Évora* 4: 129-142.
- MACIEL, M. J. 1997: «Évora na Antiguidade Tardia», en *Évora, história e imaginário*. Évora.

- MACIEL, M. J. 1998: «Arte romana e pedreiras de mármore na Lusitânia: novos caminhos de investigação». *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 11: 233-245.
- MAÑAS ROMERO, I. 2012: «Marmora de las canteras de Estremoz, Alconera y Sintra: su uso y difusión», en V. García-Entero (ed.), *El marmor en Hispania: explotación, uso y difusión en época romana*. Madrid: 331-346.
- MATOS, A. C. de e QUINTAS, A. 2015: «A exploração dos mármore: da alteração da paisagem ao património industrial», en D. Alves (coor.), *Mármore, património para o Alentejo: contributos para a sua história (1850-1986)*. Vila Viçosa: 161-176.
- MATOS, J. L. 1995: *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: coleção de escultura romana*. Lisboa.
- MAYER i OLIVÉ, M. 2008: «A propósito de las canteras de Vila Viçosa, Estremoz y de CIL II 133». *O Arqueólogo Português* série IV nº 26: 407-414.
- MAYER i OLIVÉ, M. 2009: «Vibia Aurelia Sabina, una emprendedora hija de Marco Aurelio. Notas epigráficas». *Sandalion* 31: 65-81.
- NOGALES, T. 1999: «La escultura del territorio emeritense. Reflejos de la economía y producción en Lusitania romana», en J. G. Georges e G. Rodríguez Martín, G. (eds.), *Économie et territoire en Lusitanie Romaine*. Madrid: 483-497.
- NOGALES, T., BARRERA, J. L. e LAPUENTE, P. 1999: «Marbles and Other Stones Used in Augusta Emerita, Hispania», en M. Schwoerer (ed.), *ASMOSIA IV: Actes de la IV^{ème} Conférence Internationale (Bordeaux 9-13 octobre 1995)*. Bordeaux: 339-345.
- NOGALES, T., GONÇALVES, J. e LAPUENTE, P. 2008: «Materiales lapídeos, mármoles y talleres en Lusitania», en T. Nogales e J. Beltrán (eds.), *Marmora Hispana: Explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania romana*. Roma: 483-522.
- NOGALES, T. LAPUENTE, P. e RODÀ, I. 2017: «Dos nuevos retratos de Caesar Augusta», *Actes XIV Colloque International sur l'Art Provincial Romain. June 2015, Dijon, France. Iconographie du quotidien dans l'art provincial romain: Modèles régionaux*. Dijon: 261-270.
- PÉREZ, C., REYES, O., RODÀ, I. ÀLVAREZ, A., GUTIÉRREZ GARCIA-M., A., DOMÈNECH, A. e ROYO, H. 2012: «Use of marmora in the ornamental program of Las Pizarras Roman site (ancient Cauca, Segovia, Spain)», en A. Gutiérrez Garcia-Moreno, P. Lapuente e I. Rodà (eds.), *Interdisciplinary Studies on Ancient Stone. Proceedings of the IX ASMOSIA conference (Tarragona 2009)*. Tarragona: 413-420.
- PORTAS, L. 1980 *Evolução da indústria de exploração de pedreiras em Portugal no século XX. A Pedra I*. Lisboa.
- QUINTELA, A. CARDOSO, J. L. e MASCARENHAS, J. M. 1986: *Aproveitamentos Hidráulicos Romanos a Sul do Tejo: contribuição para a sua inventariação e caracterização*. Lisboa.
- RAMÍREZ SÁDABA, J. L. 2003: Catálogo de las inscripciones imperiales de Augusta Emerita. *Cuadernos Emeritenses* 21. Mérida.
- RAMÍREZ SÁDABA, J. L. e MATEOS, P. 2000: Catálogo de las inscripciones cristianas de Mérida. *Cuadernos Emeritenses* 16. Mérida.
- REAL, F. 1997: «A mineração romana: exploração de materiais não metálicos», en A. Alarcão (ed.), *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*. Lisboa: 77-82.
- RUSSELL, B. 2013: *The economics of the Roman stone trade*. Oxford.
- SAA, M. 1956: *As grandes vias da Lusitânia: o Itinerário de Antonino Pio*. Lisboa.
- SAQUETE CHAMIZO, J. C. 2005: «L. Fulcinius Trio, Tiberio y el gran templo de culto imperial de Augusta Emerita». *Epigraphica* 67: 163-172.
- SODINI, J.-P. 2002: «Marble and stoneworking in Byzantium, seventh to fifteenth centuries», en A. Laiou (ed.), *The economic history of Byzantium from the seventh to the fifteenth century*. Washington: 129-146.

- SOUSA, C. A. 2015: «A exploração do mármore na segunda metade do século XIX», en D. Alves (coor.), *Mármore, património para o Alentejo: contributos para a sua história (1850-1986)*. Vila Viçosa: 45-56.
- STYLOW, A. e VENTURA, Á. 2010: «Los hallazgos epigráficos», en R. Ayerbe, T. Barrientos e F. Palma (coors.), *El foro de Augusta Emerita. Genesis y evolución de sus recintos monumentales*. Madrid: 486-489.
- TAYLOR, R. 2017: *Las canteras romanas de Almadén de la Plata (Sevilla, España): un análisis arqueológico*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Sevilla [policopiado].
- VALERO TEVAR, M. A., GUTIÉRREZ GARCIA-MORENO, A. e RODÀ, I. 2015: «First preliminary results on the marmora of the Late Roman villa of Noheda (Cuenca, Spain)», en P. Pensabene e E. Gasparini (eds.), *Interdisciplinary Studies on Ancient Stone. ASMOSIA X Proceedings of the Tenth International Conference of ASMOSIA Association for the Study of Marble & Other Stones in Antiquity (Rome, 21-26 May 2012)*. Roma: 393-401.
- VASCONCELOS, J. L. 1995: *Religiões da Lusitânia*. Lisboa.
- VIDAL ÁLVAREZ, S. 2016: «Análisis arqueométricos del sarcófago de Pueblanueva (Toledo) y estudio de cinco fragmentos de sarcófago procedentes de Pueblanueva en las colecciones del Museo Arqueológico Nacional». *Boletín del Museo Arqueológico Nacional* 34: 195-210.
- VIDAL ÁLVAREZ, S. 2018: «Los sarcófagos tardoantiguos de Hispania: nuevos datos a partir de los análisis arqueométricos de los sarcófagos del Museo Arqueológico Nacional», en C. Márquez e D. Ojeda (eds.), *Escultura romana en Hispania VIII. Homenaje a Luis Baena del Alcázar*. Córdoba: 143-161.
- VIDAL ÁLVAREZ, S. e GARCÍA-ENTERO, V. 2015: «The use of Estremoz Marble in Late Antique Sculpture of Hispania: new data from the petrographic and cathodoluminescence analyses», en P. Pensabene e E. Gasparini (ed.) *Interdisciplinary Studies on Ancient Stone. ASMOSIA X Proceedings of the Tenth International Conference of ASMOSIA Association for the Study of Marble & Other Stones in Antiquity (Rome, 21-26 May 2012)*, Roma 413-420.

MONOGRAFÍAS DE PREHISTORIA Y ARQUEOLOGÍA UNED

AÑO 2020

1

UNED

PAISAJES E HISTORIAS EN TORNO A LA PIEDRA

La ocupación y explotación del territorio de la cantería y las estrategias de distribución, consumo y reutilización de los materiales lapídeos desde la Antigüedad

LANDSCAPES AND STORIES AROUND THE STONE

Occupation and exploitation of quarrying land, and strategies of distribution, use and reuse of stone materials since the Antiquity

Sumario · Summary

11 VIRGINIA GARCÍA-ENTERO, SERGIO VIDAL ÁLVAREZ, ANNA GUTIÉRREZ GARCÍA-M. Y RAÚL ARANDA GONZÁLEZ
Prólogo · Preface

13 ISABEL RODÀ
Paisajes e historias en torno a la piedra. Presentación · Landscapes and stories around the stone. Presentation

21 JEAN-PIERRE BRUN
The Imperial Granite Quarry of Domitianè-Kainé Latomia (Umm Balad, Egypt) · Las canteras imperiales de granito de Domitianè-Kainé Latomia (Umm Balad, Egipto)

39 TIMOTHY J. ANDERSON
Stone and iron: economic interactivity at the Roman rural site of Châbles (Fribourg, Switzerland) · Piedra y hierro: Interactividad económica en el asentamiento rural de Châbles (Friburgo, Suiza)

53 ANDRÉ CARNEIRO
A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extracção, consumo e organização) · La explotación romana del mármol del anticlinal de Estremoz: extracción, consumo y organización · The Roman Exploitation of Estremoz Marble: Quarrying, Use and Organization

89 RUTH TAYLOR
El *pagus marmorarius* de Almadén de la Plata: revisión de las evidencias arqueológicas y aproximación a los patrones de poblamiento romano en el distrito marmóreo · The *pagus marmorarius* of Almadén de la Plata: A Review of the Archaeological Evidence and an Approach to the Roman Occupation of the Marble District

117 VIRGINIA GARCÍA-ENTERO
Poniendo el *marmor Cluniensis* en el mapa de Hispania. El uso de la principal roca ornamental de color de procedencia ibérica en el interior peninsular en época romana · Mapping the *Marmor Cluniensis* in Hispania. Use of the Main Ornamental Peninsular Color Stone in the Iberia Peninsular Inland in Roman Times

191 SILVIA GONZÁLEZ SOUTELO Y ANNA GUTIÉRREZ GARCÍA-M.
El proyecto '*Marmora* Galicia': identificación y estudio de la explotación, empleo y circulación de los mármoles en el NW peninsular en época romana y tardorromana · The '*Marmora* Galicia' Project: First Notes to Identify and Study the Exploitation, Use and Circulation of Marbles in the NW of the Iberian Peninsula in Roman and Late Roman Times

265 DIANA GOROSTIDI PI
El pedestal como símbolo: en torno a la imagen de los homenajes públicos surgidos de los talleres de *Tarraco* · Pedestals as a Symbol: On the Image of Public Homages Produced in the Workshops of *Tarraco*

289 PATRIZIO PENSABENE
Osservazioni sul reimpiego, sui recuperi di forme romane e bizantine e sulle innovazioni nell'architettura e nella decorazione della Longobardia · Apuntes sobre la reutilización, recuperación de las formas romanas y bizantinas y sobre las innovaciones en la arquitectura y decoración de Longobardia · Comments on the Reuse, the Recovery of Roman and Byzantine Forms and the Innovations in Architecture and Decoration of the Longobardia

319 JAVIER Á. DOMINGO
La reutilización del mármol en la arquitectura tardorromana y visigótica en la península Ibérica · The Reuse of Marble in Late Roman and Visigothic Architecture on the Iberian Peninsula

349 RAÚL ARANDA GONZÁLEZ
Rocas decorativas (*marmora*) entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media en Hispania: Reflexión teórico-metodológica y estado de la cuestión · Decorative stones (*marmora*) between Late Antiquity and Early Middle Ages in Hispania: Theoretical-methodological Reflection and the Current Status of investigation

391 ENRIQUE ÁLVAREZ ARECES, M.ª ÁNGELES UTRERO AGUDO Y JOSÉ MANUEL BALTUILLE MARTÍN
La cantera de granito de la iglesia altomedieval de San Pedro de la Mata (Toledo): planificación, explotación y construcción · The Granite Quarry of the Early Medieval Church of San Pedro de la Mata (Toledo): Planning, Exploitation and Construction

413 YOLANDA PEÑA CERVANTES
El uso, la saca y el transporte de las calizas de Espeja de San Marcelino-Espejón (Soria, España) en época moderna. Una aproximación arqueológica · Use, Extraction, and Transportation of the Limestones from Espeja de San Marcelino-Espejón (Soria, Spain) in Modern Times. An Archaeological Approach

467 JAVIER MARTÍNEZ MARTÍNEZ
Apuntes para la reconstrucción del panorama cantero en el Medio Vinalopó (Alicante) previo a la eclosión y comercialización de la piedra de Novelda a nivel nacional · Notes for the Reconstruction of the Stonework State in the Medio Vinalopó Region (Alicante) Previously to the Emergence and Nationwide Commercialization of the Novelda Stone



ISBN 978-84-09-23602-2